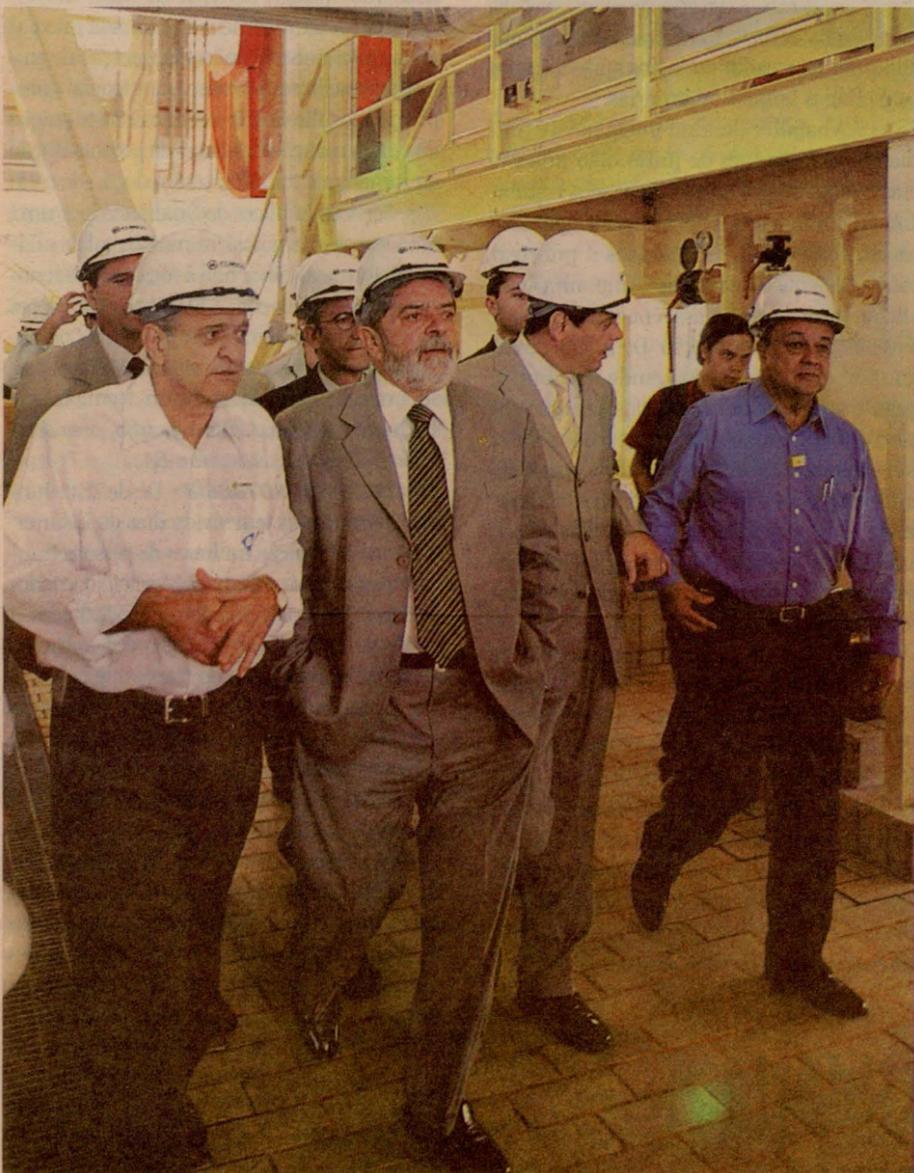


A retomada do crescimento

Lula vê a notícia com otimismo e cautela



Ricardo Stuckert

Lula inaugura fábrica de processamento de soja da Cooperativa Comigo, em Goiás

O noticiário econômico das últimas semanas desmente os pessimistas que previam o caos com o governo Lula. Ou a incapacidade de seu governo promover a retomada do crescimento da economia. Ao contrário, em um ano e meio de mandato, o governo pode comemorar a volta dos índices favoráveis, observados em quase todos os setores econômicos — uns melhores, outros nem tanto, mas todos positivos.

Aumenta o comércio exterior brasileiro, com as exportações alcançando 46 bilhões de dólares, um crescimento de 30% em relação a 2003. A soma dos últimos doze meses é de 83 bilhões de dólares, com um superávit também recorde de 29 bilhões de dólares. Notícias favoráveis saudadas por Lula no começo do mês, na solenidade de lançamento da Mina do Sossego, no Sul do Pará. Isso, disse o presidente, era “impensável por qualquer economista em janeiro de 2003”.

O grande herói das exportações é o agronegócio — soja, carne, frango, frutas — que, ao lado de industrializados como automóveis, calçados, aviões, ajuda a compor aquele número recorde. O peso das exportações é grande, e a Fiesp prevê que, este ano, as vendas externas alcançarão a marca de 25% do PIB nacional. Exportações que Lula garantiu serem uma das prioridades de seu governo, e que têm alcançado índices “extraordinários”.

Na outra ponta, o crescimento pode ser verificado também nos números exibidos pela indústria. Em São Paulo, por exemplo, as vendas da indústria cresceram 4,9% em maio em relação a abril, segundo dados da Fiesp. Em relação a maio de 2003, o núme-

ro é mais vistoso, cravando 25,7%. E o acumulado deste ano soma 20,4% em relação ao mesmo período de 2003. Segundo a Fiesp, os salários também cresceram, embora mais lentamente — em maio, aumentaram 0,9% em relação a abril, e 9% sobre maio de 2003.

Uma das conseqüências destes dados é a revisão, para cima, das previsões de desempenho da economia brasileira. A maioria dos analistas já concorda que, este ano, o crescimento do PIB será maior do que os 3,5% previstos inicialmente; há mesmo quem fale em 4% ou mais — números que o país não exhibe há muitos anos. Na indústria, em todo país, o crescimento registrado em maio foi de 7,8% (em relação a 2003) e poderá fechar o ano em 6 ou 7%.

Lula comemora, com razão, estas boas notícias — mas com cautela, como deixou claro em seu programa de rádio quinzenal “Café com o Presidente”, transmitido em 12 de julho. Ele se declarou otimista mas cauteloso, consciente da necessidade “de trabalhar muito mais para que a economia cresça de verdade, de forma sustentada e duradoura”. E o problema é a lentidão da retomada do emprego formal que, disse Lula, não cresce tanto “quanto nós queríamos, mas é o maior crescimento desde 1992”.

Lula tem razão. O Brasil precisa crescer, e é legítimo comemorar a retomada. Mas o crescimento que o Brasil precisa requer fundamentos sólidos e índices mais elevados, condizentes com seu porte e suas demandas. Só assim será possível alcançar, com mais eficácia e agilidade, a valorização do trabalho. Coisa que ainda não está acontecendo no ritmo capaz de atender às necessidades dos trabalhadores brasileiros.

EDITORIAL

O balanço dos 18 meses do governo Lula é positivo

Ao fazer o balanço dos primeiros 18 meses de seu governo, no dia 5 de julho, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse sofrer quando vê “uma crítica na imprensa: é ministro que cai, é ministro que sobe, é ministro que é promovido, é ministro que não é promovido, todo santo dia. É por isso que eu aprendi uma coisa no nosso governo: a arte de governar é a arte de ter paciência. É a arte de não perder nunca a noção do tempo e do compromisso que você tem pela frente. Portanto, não é dado a nós o direito de perder a paciência, mesmo nos momentos de maior adversidade”.

O governo fez um balanço positivo, registrado no discurso do ministro José Dirceu, da Casa Civil, que lembrou a retomada do crescimento econômico e a recuperação industrial, a queda da vulnerabilidade do Brasil em 2004, o aumento das exportações e do saldo de conta corrente. A execução or-

çamentária evoluiu favoravelmente; em 2002, houve liberação de 45% do orçamento; em 2003, 43% e, em 2004, já foram liberados 61% do orçamento. Este ano, Dirceu anunciou, o governo vai realizar investimentos de 12 bilhões de reais.

Há também dificuldades, e uma delas é o salário mínimo, insuficiente para as necessidades do trabalhador. “O salário mínimo é baixo porque historicamente ele é baixo no país. Não se cuidou adequadamente do salário mínimo no país. É preciso ter calma, porque o povo é inteligente”, disse Lula.

O presidente lembrou que seu governo não poderia ter feito em 18 meses o que “outros não fizeram em 18 anos ou em décadas”. E, numa menção clara às campanhas para as eleições municipais, pediu “um confronto não só de idéias, mas também de realizações, de números”.

E há o que mostrar. O Brasil respira

democracia. O movimento social é respeitado pelo governo central e o presidente não tem cedido às pressões da elite e da mídia para reprimir as manifestações populares, como no caso da luta pela reforma agrária. A política externa tem sido firme na defesa dos interesses do país e na busca de parcerias novas, que impeçam o aprofundamento da dependência. Os termos neocolonialistas pretendidos pelos EUA para o projeto da Alca recebe firme resistência por parte do governo brasileiro. Na área de saúde, há os programas Farmácia Popular, Brasil Sorridente e o de Atenção às Emergências; o governo trabalha para combater as epidemias e endemias; já reduziu, por exemplo, o número de casos de dengue em 57%, em relação a 2002. Apesar das dificuldades, são fatos que permitem um balanço positivo do governo iniciado no dia 1º de janeiro de 2003.

A tática e o discurso comunista nas eleições

Comitê Central define a orientação para o pleito municipal de outubro

Página 3

Disputa em Fortaleza

O foco da campanha de Inácio Arruda será o contato direto com a população

Página 6

Mais de 5 mil candidatos

Walter Sorrentino fala das prioridades e objetivos eleitorais dos comunistas.

Fundação Maurício Grabois

Página 7

O Brasil precisa de um PCdoB forte e influente

Comitê Central do PCdoB

O Comitê Central, reunido em sua 10ª reunião plenária, apreciou o quadro eleitoral e adotou orientações para a atual etapa dessa importante batalha política

1. As eleições municipais se constituem no centro da luta política neste período imediato até outubro. Seus resultados terão grande importância para o cenário político nacional. Apesar da variedade das alianças eleitorais constituídas, dois grandes campos se conformaram na disputa. De um lado, o campo de sustentação e consolidação do Governo Lula, buscando nova vitória das forças sociais e políticas emergentes em 2002. De outro, o campo capitaneado pelo PSDB-PFL e seus aliados de circunstância, que busca impedir a consecução das mudanças progressistas no país. O PCdoB forma decididamente ao lado do Governo Lula, visando a seu êxito como parte da grande luta política, de idéias, de forças sociais e projetos por um novo modelo de desenvolvimento com valorização do trabalho. Dois mil e quatro precisa dar prosseguimento à vitória de 2002, fortalecendo as condições para o desmonte da perversa herança deixada por oito anos de governo FHC, do que se originam os principais entraves com que se defronta o país e a vida da população nos municípios.

2. O resultado das eleições nas capitais dos mais populosos estados da Federação adquire sentido especial. Notadamente em São Paulo, assim como no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Fortaleza e Manaus o embate se dá diretamente contra as forças oposicionistas conservadoras. Exige atenção redobrada para assegurar a vitória do campo de Lula. Aponta para a necessida-



10ª Reunião Ordinária do Comitê Central do PCdoB

de de realizar acordos e entendimentos, desde o primeiro turno eleitoral, visando centrar esforços em comum nos segundos turnos para a derrota das forças da oposição.

3. O PCdoB se apresentará com um discurso unificado na batalha. Partirá do caráter municipal que caracteriza o debate eleitoral deste ano e, portanto, conferirá ao seu discurso um caráter propositivo, com plataformas claras, contendo projetos concretos para fazer face aos reclamos mais sentidos da população e dos municípios. Ao mesmo tempo, o PCdoB reforçará seu lugar próprio no âmbito das forças de sustentação do Governo Lula, propondo um Pacto Nacional pelo Desenvolvimento e Emprego, para sustentar e acelerar o crescimento econômico, condição para o êxito das plataformas municipais propostas e do próprio projeto de mudanças que levou Lula à Presidência da República.

4. Os comunistas buscarão fortalecer suas posições próprias na disputa. Estando em franco crescimento a sua influência política e seu contingente militante, o Partido estende sua presença ao dobro de municípios em relação a 2000 e multiplicou por três o número de seus candidatos. Priorizará a conquista das prefeituras de Fortaleza, Manaus e Olinda, Rio de Janeiro e Teresina. Em todas as capitais do país buscará contribuir

com sua experiência política na condução das demais campanhas majoritárias. Concorrerá este ano a prefeito e vice-prefeito em mais de duas centenas de municípios. Buscará triplicar sua bancada de vereadores eleitos em 2000, apesar das dificuldades impostas pela redução da representação parlamentar municipal. Tais restrições implicam revisão de metas eleitorais, exigindo medidas de concentração e priorização de candidaturas a vereador onde nos apresentamos com chapas amplas ou próprias.

5. A batalha eleitoral inicia nova e última etapa neste mês de julho. São noventa dias concentrados, que definem seus resultados. Os comunistas, seus amigos e apoiadores em todo o país são instados a priorizar concretamente o esforço de campanha, mobilizando-se desde a base, chegando às amplas parcelas da população. Definição de caminhos quanto à propaganda eleitoral e quanto aos recursos necessários para sustentar o esforço também têm centralidade. Por isso exige-se o reforço do trabalho de direção em todas as instâncias partidárias, combatendo toda a tendência à dispersão de seu trabalho, bem como a constituição de comitês eleitorais amplos e o esforço de trazer novos aderentes às fileiras partidárias.

6. O Comitê Central está convicto de que, dentro da orientação adotada, com a experiência que já caracteriza os comunistas em campanhas eleitorais, mais o esforço dedicado de todos seus militantes, amigos e apoiadores conquistará importante vitória para si e para o país. O Brasil precisa de um PCdoB forte e influente, para adotar os rumos que a imensa maioria da nação deseja.

São Paulo, 10 e 11 de julho de 2004.

PCdoB defende unidade partidária e delibera sobre voto dissidente

Comitê Central do PCdoB

A 7ª Reunião do Comitê Central do PCdoB, realizada em 10 e 11 de julho de 2004, em São Paulo, apreciou questões disciplinares internas relativas ao voto de membros da bancada de deputados federais.

O debate do Comitê Central reiterou que a orientação política do PCdoB está em permanente construção coletiva, que pode se beneficiar das diferenças de opinião existentes em seu seio. Sobretudo nesta fase de acentuada viragem da situação política, e dado o ineditismo da atuação política do PCdoB, que participa do governo central, considera necessário haver um esforço persuasivo de construção da unidade de opiniões. Entretanto, ressalva que esse debate só pode evoluir e consolidar a unidade nos

marcos de estrito respeito ao princípio do centralismo democrático, do qual emanam nossas normas internas, que implicam cumprimento integral das decisões emanadas dos órgãos de direção, o que não comporta relativizações.

Nesse sentido, concernente ao voto de membros da bancada no 1º e 2º turno de votação sobre a MP do Salário Mínimo, deliberou:

Conclamar o deputado Sérgio Miranda e a deputada Jandira Feghali, membros do Comitê Central, e a deputada Alice Portugal, a compreenderem autocriticamente sua atitude, nos parâmetros estritos do centralismo democrático.

Acatar o pedido de licença do Comitê

Central e Comitê Estadual de Minas, do deputado Sérgio Miranda, até o fim do período eleitoral. Nesse período o deputado seguirá participando da bancada, mas não receberá encargos de representação partidária no seu seio até o final do presente ano legislativo.

As deputadas Jandira Feghali e Alice Portugal não receberão encargos de representação partidária na bancada até o final do presente ano legislativo.

Acatar as explicações do deputado Daniel Almeida, membro do Comitê Central, sobre as razões de sua ausência à votação da matéria no 2º turno.

São Paulo, 11 de julho de 2004

Morreu Dona Helena, comunista histórica - Faleceu dia 9 uma das mais antigas integrantes do Partido Comunista no Rio de Janeiro, conhecida como dona Helena ou tia Helena. Durante a ditadura militar ela ajudou várias pessoas que viviam na ilegalidade, na Ilha do Governador. Sempre muito discreta, ela realizou um trabalho socialista como poucos fizeram. Apesar de ela ser do PCB, quem sabe vocês pudessem homenageá-la. *Marco Pereira, Rio de Janeiro - RJ*

Dia de luta - O Dia Nacional de Lutas e mobilizações convocado pela CUT para o 16 de julho, tem como principal eixo de luta a mudança da política econômica, para enfrentarmos uma conjuntura que apresenta manutenção das elevadas taxas de desemprego e diminuição do poder aquisitivo dos salários. Nesta mobilização devemos conduzir as bandeiras do desenvolvimento: retomada imediata do crescimento econômico, geração de empregos e melhores salários, manutenção e ampliação dos Direitos Trabalhistas, distribuição de renda, redução das taxas de juros, redução da jornada de trabalho sem redução de salários, Serviços Públicos de Qualidade, por uma nova estrutura sindical, aumento real de salário, Reforma Agrária, não à Alca e não à renovação dos acordos com o FMI. As mobilizações serão construídas em conjunto com a Coordenação dos Movimentos Sociais - CMS, que possui um calendário de lutas com o tema O Brasil Quer Trabalhar. *Adilson Araújo, presidente da CUT Babia, Salvador, BA*

Florianópolis se rebela - Desde 28 de junho, Florianópolis tem vivido dias de insurreição: ora centenas e milhares de pessoas trancam a ponte, ora a Câmara Municipal, e todos os dias os terminais de ônibus estão fechados. A causa de tamanha indignação é o aumento abusivo das passagens do transporte coletivo, que faz cada trabalhador pagar 3 reais para fazer um percurso de menos de 30 quilômetros. *Angela Albino, Florianópolis - SC*

Orgulho do Ceará e do Araguaia - Li a respeito dos guerrilheiros cearenses e fiquei orgulhoso de ser do Ceará. Pena que esses personagens históricos não ganham espaço nas escolas da nossa região. Representantes da juventude liberal, muitos perderam a vida por uma ideologia voltada para o bem comum, complicada de entender é a razão pela qual muitos continuam no anonimato, como simples personagens do tempo. É importante mostrar ao povo cearense sua representatividade, pessoas de peso na historiografia nacional, de referência mundial. Fico feliz em saber que o Partido vivo se preocupa com isso, acredito que aos poucos nosso povo começará a enxergar o valor que tem nossa história e nossos representantes. Parabéns! *Alexandre Timbó Silva, Fortaleza - CE*

Homenagem a Pomar

Foi inaugurada no dia 2 de julho a Escola Técnica de Agricultura Familiar Pedro Pomar, no assentamento Pirituba área 3, em Itaberá, São Paulo. A escola é resultado da atuação dos produtores rurais, assentados da Fazenda Pirituba, junto à Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo. A escola é um centro de formação e difusão de tecnologias para a agricultura familiar. Pedro Pomar, homenageado pela escola, foi um dirigente comunista, reorganizador do Partido Comunista do Brasil, em 1962, executado pela ditadura militar em 16 de dezembro de 1976, na Chacina da Lapa.

PCdoB

Mais de 5 mil candidatos em campanha

Partido Comunista do Brasil disputa as eleições em 1.537 municípios

“**A**s eleições municipais serão um grande embate entre o governo Lula e os setores conservadores, que querem preparar a sua volta ao centro do poder nacional. A mensagem dos comunistas deve ser política e administrativa. Vamos defender o crescimento econômico do país, auto-sustentado, com distribuição de renda e inclusão social e apresentar propostas de solução para os problemas das populações dos municípios. Vamos, também, responsabilizar os atuais partidos oposicionistas, PSDB e PFL, pelo legado de crise que foi deixado ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Vamos defender o governo e a necessidade de um pacto pelo desenvolvimento, emprego e distribuição de renda”. As afirmações são do presidente do Partido Comunista do Brasil, Renato Rabelo, na abertura da 10ª Reunião Ordinária do Comitê Central, iniciada dia 10, em São Paulo, e prevista para ser encerrada dia 11.

Além do quadro eleitoral, a reunião analisa também os fatos relacionados com a votação da Medida Provisória sobre o salário mínimo, na Câmara, que motivou posições divergentes na bancada federal do PCdoB.

Na sua intervenção inicial, Renato lembrou que os eventos envolvendo o 10º aniversário do Plano Real e os primeiros 18 meses de governo Lula refletiram as divergências entre os que defendem a política neoliberal e os que querem um caminho de desenvolvimento econômico com inclusão social: “Nas comemorações do Real, feitas pelo Instituto Fernando Henrique Cardoso, a oposição elogiou a macroeconomia que vem sendo adotada no país, mas disse que o governo Lula é despreparado. As dificuldades enfrentadas pelo atual governo seriam decorrência da própria vitória de Lula, e não



Renato faz a intervenção inicial e Aldo Rebelo fala aos membros do Comitê Central

da herança maldita deixada por FHC. Já na solenidade de ano e meio de governo, o ministro José Dirceu e o presidente Lula apresentaram avanços no sentido da retomada do desenvolvimento e da geração de emprego, inclusive de emprego formal, com registro em Carteira de Trabalho”.

O governo Lula vai definindo sua fisionomia real. Enfrenta dificuldades para forjar uma base aliada majoritária no Congresso, especialmente no Senado. Na sociedade, é grande a demonstração de apoio ao governo, mas surgem manifestações de desencanto e questionamentos sobre o cumprimento dos compromissos assumidos durante a campanha. O movimento social busca pontos comuns para garantir uma ação efetiva de conquista de melhorias para a população. “Já a oposição conservadora, que apóia a orientação econômica, se rearticula para voltar ao poder central e a mídia apresenta visível má vontade em relação ao governo”, considera o dirigente comunista.

Ao mesmo tempo, muitas vezes propõem um novo rumo para a macroeconomia, com valorização do papel do Estado como indutor do desenvolvimento, a necessi-

dade de certo controle das contas de capital e a adoção de políticas sociais universalistas. “Há um esforço objetivo de setores que defendem essas idéias que pode levar a um pensamento inovador, mas isso leva tempo. A volta dos conservadores, dos tucanos, ao centro do poder barraria, inclusive, esta tendência progressista”, alerta Renato.

Existem, ainda, posições voluntaristas, que pretendem de imediato saídas anticapitalistas para a situação atual. Mas este tipo de alternativa revolucionária não está na ordem-do-dia, na opinião dos comunistas. “Neste contexto, nas eleições se enfrentarão o governo Lula e a oposição conservadora e a batalha ocorrerá no primeiro e no segundo turno — é necessário garantirmos espaço para alianças dos setores que apóiam o governo também no segundo turno, já que para o primeiro turno ocorreu certa dispersão da base governista”, salienta o presidente do Partido Comunista.

O PCdoB fará, ainda, uma avaliação mais precisa das conseqüências, para seu projeto eleitoral, da redução do número de vereadores determinada pelo Tribunal Eleitoral — “uma decisão antidemocráti-

ca, feita às vésperas do pleito”, critica Renato. O Partido está lançando 101 candidatos a prefeito, em 21 estados (as exceções são Amapá, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Sergipe), dos quais quatro concorrem em capitais: Fortaleza, Manaus, Rio de Janeiro e Teresina. Lança, também, 4.687 candidatos a vereador, em 1.537 municípios. “O Partido deve acompanhar eficazmente a batalha eleitoral e garantir sua unidade e coesão neste processo”, registra Renato Rabelo.

Aldo quer ampliação de forças e de apoios

O ministro da Coordenação Política do governo, Aldo Rebelo, que é vice-presidente do PCdoB, apresentou na reunião do Comitê Central um breve relato de sua atuação, lembrando que no ano passado, quando exercia a liderança do governo na Câmara, “buscávamos aliados para ajudar o governo, garantindo a aprovação de suas medidas. A atividade atual tem distinção, tem dificuldades próprias, mas continuamos com o propósito de ampliar as forças que apóiam o governo do presidente Lula, inclusive concorrendo para a vitória dos candidatos que integram a base do governo nas disputas municipais”.

Aldo se referiu às notícias sobre divergências que estariam ocorrendo entre ministros: “Quero deixar claro que, apesar do que os meios de comunicação vêm afirmando, nunca houve sequer uma discussão ácida entre mim e o ministro José Dirceu. Inclusive a batalha eleitoral pode ajudar a consolidar a identidade e o objetivo comuns. Precisamos de êxitos para a construção do Brasil livre, soberano e com justiça social, que almejamos. O ministro Dirceu é um aliado importante para que tenhamos sucesso”.

HERANÇA MALDITA

Dez anos de Real: o Brasil está pior

O Plano Real completou, dia 1º de julho, 10 anos. No período, os bancos se consolidaram como o setor mais rentável do país e os dez maiores ampliaram o seu lucro líquido em 1.039%. A categoria bancária foi reduzida em 33,6%, com 191.819 postos de trabalho fechados.

O lucro líquido do setor produtivo somou R\$ 210,4 bilhões, 135,1% superior ao de dezembro de 1994. Expansão ínfima perto da lucratividade dos bancos. Em 1994, as instituições financeiras lucraram R\$ 3,1 bilhões. Em dezembro de 2003, o volume atingiu R\$ 11,5 bilhões — expansão de 273,4%. Nesse caso estão incluídos 29 bancos de diferentes portes. O ganho conjunto dos dez maiores cresceu 1.039% sobre 94.

Enquanto a taxa anual de retorno de rentabilidade do setor produtivo não passou de um dígito (média de 5,47% de 1994 a 2003), o setor financeiro alcançou 14,95%.

Foi um período de grandes dificuldades para o trabalhador, com a precarização do emprego e renda. O desemprego cresceu. A Pesquisa de Emprego e Desemprego, do Dieese, revela que em 1994 o desemprego atingia 14,2% da População Economicamente Ativa na região metropolitana de São Paulo, 11,3% na de Porto Alegre e 14,6% no Distrito Fede-

ral. Em 2003, o desemprego representava 19,9%, 16,7% e 22,9% respectivamente.

Aumentaram as jornadas de trabalho. Mas, segundo o Dieese, para os trabalhadores que obtiveram uma ocupação entre 1998 e 2003, os rendimentos auferidos sofreram forte decréscimo, superior a 15% em todas as regiões pesquisadas. Ocorreu maior concentração de renda. Enquanto em 1994 os rendimentos do trabalho representavam 40,1% do PIB, em 2002 se situaram em 36,1%, segundo o IBGE.

Na última década as taxas de juros sempre estiveram elevadas. Elas têm impacto significativo sobre a Dívida Interna, ampliando sua participação no orçamento global do setor público. “O crescente volume de juros reais pagos provoca o aumento da Dívida Líquida do setor público, de R\$ 109 bilhões, em 1994, para cerca de R\$ 926,4 bilhões, em 2004”, informa o Dieese.

O governo ampliou o processo de abertura comercial, associado ao câmbio valorizado, o que resultou em saldos negativos na balança comercial entre 1995 e 2000. A captação de recursos externos também levou ao aumento da dívida externa entre 1994 e 1999, em cerca de 77 milhões de dólares. Desde então, a dívida experimenta um pequeno recuo, atingindo, em abril de 2004, 215 milhões de dólares.

ENSINO PÚBLICO

Garantir verbas para Educação

GUSTAVO PETTA*

O Ministério da Fazenda quer a desvinculação de receitas no Orçamento da União, o que vai impactar setores como saúde e educação. Pela Constituição, 18% da receita de impostos têm de ser gastos com educação pública.

A proposta contraria as reivindicações do movimento educacional em defesa de mais investimentos para a educação. A UNE, a Ubes e outras entidades sempre lutaram pela defesa da educação pública e gratuita de qualidade. É indispensável a participação do Estado brasileiro no seu financiamento.

Sem a vinculação de 18% do Orçamento para a Educação, a situação do ensino, que já é precária, estaria muito pior.

Garantir um percentual mínimo a ser aplicado em Educação é ver esse importante direito do povo brasileiro como uma política de Estado e que, portanto, não está sujeita às vicissitudes e interesses pontuais de um governo ou outro. O orçamento de uma nação não pode ser tratado de maneira factual, instantânea. Hoje temos um governo preocupado com as questões sociais, daqui a três anos podemos ter um outro governo que não tenha essas mesmas preocupações.

Está em curso em nosso país uma disputa de projetos. De um lado, um projeto que pretende realizar mudanças que impulsionem o desenvolvimento nacional, a geração de empregos, a melhoria de direitos sociais como saúde e educação, visando à melhoria da qualidade de vida da população e a distribuição de renda. De outro lado, existem os que querem impedir essas mudanças e manter a aplicação de uma política econômica de inspiração neoliberal, que privilegia o capital financeiro nacional e internacional.

A UNE repudia veementemente a proposta que está sendo gestada pelo ministro da Fazenda, Antonio Palocci. Ela representa um profundo retrocesso para o financiamento da educação.

Vamos lutar para o governo Lula implementar as mudanças que o Brasil precisa, acolhendo as reivindicações do movimento social e, particularmente, garantindo a construção de uma Universidade Pública e Gratuita de Qualidade para Todos.

No dia 16 de julho, vamos dar um grito por uma educação pública e gratuita. Vamos lutar para que tenhamos sucesso.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
*presidente da UNE

COMUNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA

Estreitando laços com Angola e Moçambique

Bomfim vai em missão oficial para a África. Vai também reverenciar os heróis da independência

Num esforço de consolidar um diálogo institucional e cultural com a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), o Secretário-Adjunto da Secretaria de Coordenação Política e Assuntos Institucionais da Presidência da República, Eduardo Bomfim, viajou, no dia 10 de julho, em missão oficial da Presidência da República, para Angola e Moçambique, países que têm grande afinidade de interesses políticos, econômicos e culturais com o Brasil. Bomfim representa o ministro Aldo Rebelo, que tem manifestado sempre seu intuito de estreitar relações com esses povos irmãos e outras nações da África.

Eduardo Bomfim vai visitar inicialmente Maputo, capital de Moçambique e depois Luanda, capital de Angola, mantendo contatos com personalidades culturais e políticas, além de autoridades educacionais e culturais intimamente ligados aos interesses da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Sua agenda nas duas capitais inclui ainda visitas

a Universidades e Centros de Estudos da Língua e da Cultura Portuguesa e Universal e escritores, cineastas, poetas e pessoas ligadas às áreas de promoção e proteção do nosso tronco lingüístico e de preservação da cultura e da identidade nacional de nossos povos.

Como bom comunista, Eduardo Bomfim vai visitar os túmulos dos guerrilheiros e heróis nacionais da luta pela independência de Moçambique e Angola, Moisés Samora Machel e Agostinho Neto. Na ocasião prestará uma homenagem a eles em nome do ministro Aldo Rebelo, do presidente Lula e de revolucionários e entusiastas brasileiros da luta

pela libertação dos povos, depositando uma coroa de flores em suas lápides.

Bomfim também vai se encontrar com o escritor angolano Artur Carlos Mauricio Pestana dos Santos, conhecido como Pepetela, numa atividade que considera tão importante quanto as oficiais e de trabalho que vai manter naqueles países de língua portuguesa.

Bomfim vai se encontrar com o escritor angolano Artur Carlos Mauricio Pestana dos Santos, mais conhecido como Pepetela



Eduardo Bomfim

Escritor e revolucionário angolano, Pepetela é membro do Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA) desde a luta pela independência. Autor de *Parábolas do Cágado Velho*, *O Cão e os Caluandas* entre outras obras de grande sucesso na África, no Brasil, e traduzida em vários idiomas, Pepetela nasceu em 1941, foi ministro da Educação no governo de Agostinho Neto, libertador e primeiro presidente do país e agora leciona sociologia na Universidade de Arquitetura em Luanda.

A luta pela independência de Moçambique foi dirigida pela Frente de Libertação de Moçambique, a Frelimo, que teve, entre seus fundadores e dirigentes políticos e militares, o camponês, enfermeiro e líder guerrilheiro Moisés Samora Machel, nascido em 1933 e morto tragicamente num acidente aéreo na África do Sul em 1986 e até hoje não muito bem explicado. Já Agostinho Neto, o líder da libertação de Angola, nascido em 1927 e falecido em 1979, além de um genial dirigente político e militar, foi poeta e escritor respeitado em todo o mundo. Suas obras começaram a surgir ainda quando estudava em Portugal; impedido pelos colonizadores de estudar medicina, acabou optando pela literatura e a luta revolucionária.

I ENETERRA

Estudantes discutem reforma agrária

E também desemprego, acesso à educação, Alca, solidariedade internacional ...

Organizado pela UNE, CUT e MST, o 1º Eneterra (Encontro Nacional de Estudantes por Educação, Trabalho e Reforma Agrária), realizado no início de julho no campus Gragoatá da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ, reuniu estudantes, líderes de entidades sociais e representantes de entidades governamentais de todo o país. Foram mais de 1.500 pessoas que debateram os problemas do desemprego, acesso à educação e a persistência do latifúndio. E que procuraram viabilizar campanhas como a de Solidariedade com o Povo da Venezuela e de Cuba, contra a Alca, e pela Reforma Agrária. Durante o encontro, foi realizado também um ato de solidariedade à Venezuela. "Entendemos que a Venezuela é um marco de resistência pela soberania dos povos latino-americanos diante do neoliberalismo, por isso nosso compromisso em ser solidários a eles", afirma Márcia Merisse, representante da juventude do MST na organização do Eneterra.

Nos debates, o economista Márcio Pochmann, secretário municipal de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade da prefeitura de São Paulo, classificou como um grande erro a forma como o Brasil está se inserindo no mercado financeiro internacional, através da exportação de bens primários, o chamado agronegócio, cultuado pelas elites e endeusado pelos grandes meios de comunicação. "Não tenho nada contra as exportações; o problema é enfatizar apenas

isso, e deixar de lado o investimento em emprego e renda para a população brasileira", disse.

Outra constatação feita no encontro é que a falta de qualificação profissional agrava a crise social brasileira, principalmente para os jovens. Nas últimas décadas, a maioria dos postos de trabalho gerados não requer capacitação profissional. Por isso, os jovens pobres se vêm em um círculo vicioso: não conseguem estudar porque têm de trabalhar e, sem estudo, não conseguem obter melhores oportunidades de emprego. Dados apresentados por Pochmann mostram que, de cada dez pessoas ricas que trabalham, sete têm carteira assinada e três são empregadoras. Em contrapartida, de cada dez pobres que estão no mercado, cinco são trabalhadores ou trabalhadoras domésticas e três assalariados sem registro em carteira. Por isso, cerca de 160 mil jovens saem do Brasil todo ano, em busca de oportunidades de trabalho em outros países do mundo. "É fundamental a criação de políticas que ampliem as oportunidades de renda e emprego para os jovens", afirmou o economista.

A reforma agrária foi um dos pontos destacados pelos estudantes como fundamentais para a geração de renda e trabalho para os brasileiros, e a participação de João Pedro Stédile, coordenador do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), foi um de seus destaques. Segundo ele, reunir-se com a juventude para discutir os problemas sociais e educa-

nais do país é importante para a atual conjuntura brasileira porque as universidades e escolas "estão de costas para os grandes problemas da sociedade". Para Stédile, "é fundamental que a juventude e a sociedade se mobilizem e debatam sobre quais os caminhos para se construir um projeto alternativo de país".

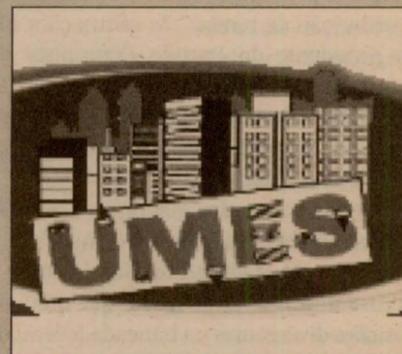
João Pedro Stédile aproveitou ainda para convocar os estudantes a participarem dos movimentos de luta promovidos pelo MST. "Espero que o 1º Eneterra também motive os jovens, sempre tão solidários, participativos e disponíveis, a se envolverem nas próximas grandes campanhas que teremos pela frente", enfatiza. Ele diz, por exemplo, que é o caso da Campanha de Cadastramento dos Desempregados e da campanha do Grito dos Excluídos, que culminará em grandes manifestações no dia 7 de setembro.

Com dados do Incra e do plano nacional de reforma agrária, o coordenador do MST disse que há 200 mil famílias acampadas em beiras de estrada à espera de um assentamento. "O nosso problema não é se são 38 mil ou 40 mil (famílias assentadas), o problema é que se faça logo os 120 mil assentamentos", afirmou. De acordo com ele, há 55 mil imóveis no País, em geral acima de 1 mil hectares, que são classificados como grandes propriedades improdutivas. Esse total, diz ele, equivale a 116 milhões de hectares desapropriáveis. (com informações de Mariana Gomes, do Rio de Janeiro).

NOTAS

Restaurantes populares

O Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome assinou convênios para a construção de restaurantes populares em 27 cidades brasileiras. Os contratos têm valor total de R\$ 16,5 milhões, e beneficiarão os municípios: de Araçatuba (SP), Belém (PA), Boa Vista (RR - 2 unidades), Campina Grande (PB), Diadema (SP), Governador Valadares (MG), Guarulhos (SP), Jandira (SP), Juazeiro (BA), Maceió (AL), Manaus (AM - 2 unidades), Mauá (SP), Petrolina (PE), Ponta Grossa (PR), Pouso Alegre (MG), Recife (PE - 2 unidades), Santa Maria (RS), Santos (SP), São Paulo (SP - 2 unidades), Sobral (CE), Teresina (PI), Varginha (MG) e Vitória da Conquista (BA). Em todos eles, cada refeição custará um real.



Congresso da UMES/SP

Depois de 14 anos, a UMES da capital de São Paulo realizou, em 3 de julho, seu 17º Congresso, com a participação de delegados e grêmios sob influência da União da Juventude Socialista (UJS), que participou com o movimento "Ação e atitude!". O processo mobilizou 400 delegados e 90 grêmios de 150 escolas, dos quais cem foram mobilizados pela UJS. O Congresso discutiu questões relacionadas à educação, movimento estudantil, cultura, conjuntura e eleições. Os debates que provocaram mais polêmica foram a meia-entrada e passe livre, propostas defendidas com ênfase pelos delegados da UJS. O estudante do Cursinho da Poli, Rodrigo Campos, de 21 anos e militante da UJS-SP desde 2001, foi eleito 1º secretário da entidade, cargo que compõe a Executiva. Junto dele, mais dois jovens militantes socialistas foram eleitos para a diretoria da UMES (Benito Vasques, de São Paulo).

Cadeia produtiva da mandioca

A cadeia produtiva da mandioca esteve em destaque no dia 9 de julho, quando ocorreu o Seminário da Cultura da Mandioca em Paranavaí, no Paraná. A promoção é das indústrias coligadas à Associação Brasileira dos Produtores de Amido de Mandioca (Abam), com o apoio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e órgãos do governo do Estado que esperam receber em torno de mil produtores. A expectativa é de processar neste ano 2,8 milhões de toneladas de raiz e produzir 620 mil toneladas de amido, ou 44% a mais do que em 2003. Os seminários regionais têm o objetivo de atrair investimentos para a cultura da mandioca. E já foram realizados encontros em Gianorte, Nova Londrina e Marçal Cândido Rondoni (Lucia Maurício Grabois).

O BRASIL QUER TRABALHAR!

Toda força à jornada de lutas pelas mudanças!

O Partido Comunista do Brasil quer empenho da militância na programação que tem como centro o dia 16

SECRETARIADO DO COMITÊ CENTRAL DO PCdoB

Convocamos o conjunto das organizações partidárias e a militância comunista a aplicar todo empenho pelo sucesso da mobilização nacional convocada para 12 a 17 de julho da CUT (Central Única dos Trabalhadores) e demais entidades e movimentos que participam da CMS (Coordenação dos Movimentos Sociais). Temos que nos engajar desde já no processo preparatório desse importante evento.

Estão programadas diversas manifestações, atos, passeatas e acampamentos durante toda a semana e vamos nos concentrar no dia 16 de julho, fazendo mobilizações em todas as capitais. A jornada terá como ponto central o tema *O Brasil quer Trabalhar!*

Contemplando as reivindicações fundamentais dos trabalhadores da cidade e do campo, e denominado como "Dia Nacional de Lutas e Mobilizações - Por Mudanças na Política Econômica", a iniciativa terá apoio massivo da militância comunista, em todas as frentes de massa onde ela está presente.

Os trabalhadores e as massas populares são os maiores interessados e comprometidos



com o êxito do governo Lula. Por isso, sairão às ruas erguendo alto a bandeira do desenvolvimento e do emprego como demanda imediata e imperativa do país e do povo. Ao encher as avenidas de gente e luta, as entida-

des sindicais e movimentos populares irão alertar e propor ao governo federal a necessidade de reorientar a atual política macroeconômica conservadora, fiscalista e monetarista - um verdadeiro obstáculo para o Brasil

ter o desenvolvimento que precisa, criando as condições efetivas para a superação dos graves problemas sociais existentes no país.

Para os comunistas, os trabalhadores e suas lideranças devem ainda denunciar a hipocrisia da oposição conservadora, liderada pelo PSDB e o PFL, que, depois de ter realizado um governo de desemprego e arrocho salarial, tem o cinismo de se apresentar como defensora do povo trabalhador.

É preciso que os militantes comunistas participem das plenárias e atividades preparatórias que estão acontecendo por todo o Brasil. Não há contradição entre a mobilização popular e nossa atuação no importantíssimo embate eleitoral já em andamento. Muito ao contrário, a nossa atuação e presença nas mobilizações deixam em evidência nossa posição política e a nossa vinculação com os anseios do povo, e portanto fortalecem a campanha eleitoral dos comunistas.

As mudanças não virão sem a mobilização política do povo brasileiro. Vamos à luta pelo êxito do governo Lula na realização das mudanças!

CONGRESSO DA CNM

Metalúrgicos da CUT aprovam plano de lutas

O 6º Congresso dos Metalúrgicos da Central Única dos Trabalhadores representou mais da metade dos 1,4 milhão de trabalhadores da categoria no país

Os metalúrgicos da CUT querem, a partir do 6º Congresso Nacional da categoria, consolidar a organização sindical nos locais de trabalho através dos Comitês Sindicais de Empresa, e se preparar para a implementação do Contrato Coletivo de Trabalho (CCT)", afirma o comunista Marcelo Toledo, da CSC, eleito para a direção da CNM.

A organização sindical nos locais de trabalho é justamente um dos pontos sobre os quais não houve consenso no Fórum Nacional do Trabalho (FNT). A representação patronal no fórum resistiu até o fim à proposta, obediente à tradição brasileira de ditadura nas fábricas, havendo ou não democracia no país. "Este é um item da reforma que só passará no Congresso Nacional caso aconteça uma mobilização efetiva e eficaz de categorias sindicais, como a metalúrgica", afirma Toledo.

O 6º Congresso Nacional dos Metalúrgicos da CUT representou mais da metade dos 1,4 milhão de metalúrgicos que existem no Brasil. Realizado em Ribeirão Pires, no Grande ABC (SP), entre os dias 1 a 4 de julho, o Congresso foi pautado pela reconstrução da unidade dos metalúrgicos no interior da CUT. Segundo Roque Assunção da Cruz, da coordenação da Corrente Sindical Classista (CSC) e secretário de Políticas Sociais da CNM/CUT, neste ponto foi dado destaque para o papel dos comunistas que buscam recompor as forças políticas para dinamizar a

organização do importante ramo da Central, objetivando tencionar as lutas dos operários metalúrgicos no fortalecimento do governo Lula, rumo às mudanças necessárias. "O 6º Congresso, com a contribuição dos comunistas, resgatou a luta pelo internacionalismo proletário e pela defesa do socialismo como objetivos da classe operária e demais trabalhadores no mundo", afirma Cruz.

Foi aprovado um plano de lutas cujo eixo é a campanha nacional pela redução da jornada sem redução de salários, a mudança da atual política econômica e sua substitui-

ção por um modelo que leve o país ao desenvolvimento e gere emprego com distribuição de renda, a contratação nacional coletiva e a luta pela reforma agrária. Também faz parte do plano de lutas a anistia política dos dirigentes sindicais e a aposentadoria especial, dentre outros pontos.

A reanimação econômica que o país atravessa vem levando a uma recuperação de contratações. Com isso, reacende-se também a luta por melhores salários e condições de trabalho, que já não encontra na ameaça do desemprego uma barreira tão



compacta como na conjuntura anterior. Esta é a opinião do presidente eleito da CNM, Carlos Alberto Grana. "Vamos aproveitar que o setor vem apresentando uma retomada no crescimento, de produção e de vendas, e levar benefícios aos trabalhadores", explica. Entre estes benefícios, Grana destaca a geração de empregos no setor, o combate às horas-extras, aliado à redução da jornada de trabalho e a reposição do poder de compra dos salários, através da reposição da inflação e aumento real.

BOLETO DE ASSINATURA

R\$ 20,00
12 edições

JORNAL A Classe Operária
Órgão central do Partido Comunista do Brasil - Fundado em 1º/MAIO/1925

PCdoB
Proletários de todos os países, uni-vos!

FORMAS DE PAGAMENTO

Cheque nominal

Dinheiro

Cartão de crédito C D V A

Nº.: _____

Validade: ____/____ (MÊS/ANO)

Vale postal nº. _____

Depósito em conta corrente
Banco Itaú Ag. 0251 C/C 48676-7

Enviar comprovante de pagamento por fax ou e-mail

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ CEP: _____

Cidade: _____ UF: _____

Tel. res.: (____) _____

E-mail: _____

Profissão: _____

Data de nasc.: ____/____/____

EMPRESA JORNALÍSTICA A CLASSE OPERÁRIA: End.: Al. Sarutaiá, 185, Jd. Paulista, São Paulo, SP, Brasil - CEP 01403-010
Tel/Fax.: (11) 3054-1829 - End. eletrônico: www.vermelho.org.br/classe Corréio eletrônico: assinatura@pcdob.org.br



Ed. final nº: _____
Data de assinatura: ____/____/____
Edição inicial nº: _____

Fortaleza: disputa começa acirrada

Inácio Arruda, do PCdoB, inicia campanha centralizando esforços em ações populares voltadas para as necessidades do povo

PRISCILA LOBREGATTE

Com grande conhecimento sobre as necessidades de Fortaleza, o candidato comunista à prefeitura inicia a campanha com amplo apoio político e popular. A coligação "Nossa Fortaleza" (formada por PCdoB, PPS, PL, PMN, PRONA e PCdoB) é encabeçada pelo atual deputado federal Inácio Arruda, com Paulo Linhares, do PPS, para vice. Conhecedor dos movimentos populares e de bairro, o candidato vai focar a campanha no contato direto com a população por meio de caminhadas e entrega de panfletos. A idéia é dar ênfase aos problemas locais, mas sem deixar de lado questões nacionais. "A campanha começou num clima bastante acirrado e as forças de direita já estão atacando nossa candidatura. Nossa meta é oferecer uma campanha que realce questões essenciais para a população, como educação, saúde e habitação", explicou Inácio Arruda.

A partida foi dada na primeira semana de julho, quando a militância do Partido esteve presente no maior terminal de ônibus de Fortaleza, o Parangaba, e demais terminais da cidade, além de ter ocupado as principais ruas e praias da capital cearense. "Estamos investindo especialmente na campanha de rua, pessoal, com a população de Fortaleza. Nossos principais instrumentos são sola de sapato, papel e voz. O Inácio é o único candidato com uma campanha ostensiva nas ruas", explica Inácio Carvalho, assessor de imprensa da campanha.

"Fortaleza conhece, a gente acredita" é o lema do candidato, que, segundo a última pesquisa do IBOPE, divulgada no último dia 25 de junho, ocupa a primeira posição, com 34% das intenções de voto. A idéia é explorar a intimidade e cumplicidade com o povo, que Inácio adquiriu ao longo de 24 anos de vida



Inácio Arruda: campanha de massa em Fortaleza

pública. Sua carreira política teve início com escolha de seu nome para a presidência da Associação dos Moradores do Bairro Dias Macedo. Em seguida, foi presidente da Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza, onde ganhou maior notoriedade, que culminou em sua eleição para vereador em 1988. Depois, foi deputado estadual e federal, cumprindo atualmente seu terceiro mandato. Por conta de sua trajetória popular, "apenas 2% da população de Fortaleza desconhece o candidato", ressalta o secretário de Comunicação do Comitê Estadual do Ceará, Charles Nobre.

Além de investir nos meios convencionais de propaganda de massa via programa eleitoral, que terá início em agosto, a coordenação da campanha vai enfatizar a panfletagem e o uso de bandeiras em suas caminhadas como forma de tornar Arruda cada vez mais conhecido e, por meio do material impresso, esclarecer a plataforma do candidato. Para isso, a militância do PCdoB vem participando ativamente das passeatas. O que se espera é poder unir as militâncias do PCdoB e dos partidos que formam a coligação, além de possíveis dissidentes de outros partidos. Com isso, o candidato busca

chegar a diversos pontos da cidade, especialmente nas periferias, onde estão as principais demandas, como a escassez habitacional: "Essa é uma das principais questões a serem levantadas. Fortaleza tem o terceiro maior déficit habitacional do Brasil. São necessárias ao menos 140 mil moradias para sanear este problema", salienta Arruda, que também destaca a saúde e a educação como pontos-chave

para a cidade.

Para ampliar a ação da campanha, será inaugurado ainda nesta semana o comitê, na avenida Santos Dumont, no centro de Fortaleza. O centro, aliás, é um dos pontos fortes da atuação. Os partidários têm percorrido as principais vias centrais como forma inclusive de incentivar a revitalização do local. Em breve, um comitê comunitário será implantado na cidade. "Já houve uma primeira reunião com a Federação e também com movimento de mulheres como forma de unir estes setores da sociedade em prol da eleição de Inácio Arruda", explica Carvalho. Além disso, a militância deve atingir também reuniões de categorias e universitários. "Nossa campanha destina-se especialmente às periferias, à juventude e aos trabalhadores. Vamos unir a sociedade pelas mudanças que o município precisa", diz Carlos Augusto Diógenes — o Patinhas —, presidente estadual do PCdoB.

Contra-ataque

Como forma de lidar com a oposição, a campanha de Inácio Arruda pretende não

responder a provocações anticomunistas, como ocorreu em 2000. Para esta eleição, os ataques neste sentido tendem a se amenizar. A tendência é que a direita tente atingir o candidato por meio da administração de Luiz Inácio Lula da Silva no governo federal. Segundo Carvalho, "Nossa campanha vai fundir a necessidade nacional de mudança rumo ao desenvolvimento do país com maior centralização nas questões locais, que envolvem a melhoria da cidade. Quem conhece de perto os problemas da cidade sabe quais são as soluções mais apropriadas". Para Charles Nobre, "devemos sempre elevar o debate político, sem apelar para dicotomias como bem e mal. Queremos informar a sociedade sobre os nossos projetos porque é isso que a sociedade quer saber". O programa eleitoral, que terá cerca três minutos e meio, será focado na apresentação de soluções para a cidade.

"A campanha começou disputadíssima em Fortaleza. São onze candidatos à prefeitura, o que nos levar a acreditar que será uma eleição de dois turnos", diz Patinhas. No entanto, a coordenação da campanha está otimista. Inácio Arruda obteve em 2002 a maior votação de um deputado no Ceará. Foram mais de 300 mil votos, o que assinala o conhecimento da população em relação às formas de gestão e prioridades de Arruda. "Será uma campanha que vai trabalhar questões locais como planejamento, transparência no uso dos recursos públicos e demandas populares, além de atuar pelo envolvimento da sociedade para a resolução dos maiores problemas vividos atualmente em Fortaleza. Vamos enfrentar de frente as forças que atualmente controlam o município e as candidaturas conservadoras", finaliza Patinhas.

Manaus: festa comunista

A candidata do PCdoB à prefeitura de Manaus, Vanessa Grazziotin, iniciou sua campanha em ritmo de festa popular. As ruas da capital do Amazonas foram ocupadas por artistas variados que deram o tom de como serão os meses que antecedem as eleições. "A campanha da Vanessa terá a arte misturada à comunicação como marca principal", disse o secretário de Comunicação do PCdoB/AM, Miguel Pacheco. Com o slogan "A Prefeita de Todos Nós", a militância do PCdoB surpreendeu a população, que correspondeu à festa com acenos e buzinas.

Impossibilitada de comparecer à manifestação por estar em Brasília participando de votação sobre a Zona Franca de Manaus na Câmara dos Deputados, a deputada e candidata justificou sua ausência: "Esta é uma semana importante, que vai decidir questões essenciais para a nossa cidade".

Em Manaus, a chapa majoritária foi fechada em 30 de junho, encabeçada por Vanessa Grazziotin (PCdoB) e Beto Michiles (PL) como vice, pela coligação Manaus Melhor, formada por o PCdoB, PL, PT, PRTB, PCB e PTdoB. Já a chapa proporcional Manaus Melhor 2 é constituída por PCdoB e PT.

Bahia: 466 candidatos a vereador

E dez a prefeito— entre elas a de Daniel Almeida, em Simões Filho. Em Salvador, Javier Alfaya é vice na chapa de Nelson Pelegrino, do PT

O PCdoB soma esforços em defesa de um Estado mais democrático com ações públicas voltadas para a diminuição das desigualdades sociais. Firme neste objetivo, o Partido lançou candidaturas próprias em dez municípios: Simões Filho (onde o candidato comunista é o deputado federal Daniel Almeida), Caetitê, Barra do Mendes, Conceição de Feira, Entre Rios, Jusari, Muritiba, Pau Brasil, Uauá e Utinga. Além disso, o PCdoB participa como vice em quase 30 localidades, com destaque para Ilhéus, Itabuna, Alagoinhas, Jequié Juazeiro e a capital, Salvador, onde o deputado estadual Javier Alfaya será companheiro de Nelson Pelegrino do PT.

O objetivo do PCdoB é viabilizar um projeto eleitoral amplo, com posição de destaque em centros urbanos importantes, caso de Simões Filho, e São Sebastião do Passe, onde indicou o nome de Tânia Portugal para a chapa majoritária. As duas cidades ficam na Região Metropolitana de Salvador (RMS).

Além disso, o PCdoB terá 466 candidatos a vereador. Só na capital são 12: Aladilce

Souza, Reginaldo Oliveira e Olívia Santana (que disputam a reeleição), Alfredo Boa Sorte, Augusto Vasconcelos, Everaldo Augusto, Geovan Gonzaga, Marcos Pires, Rui Oliveira, Vicente Neto, Wilson Bueno e Sargento Dias.

Javier

Vereador por quatro mandatos e membro da bancada do PCdoB na Assembléia Legislativa, o deputado Javier Alfaya é um dos mais destacados líderes do Partido na Bahia. Arquiteto, será companheiro de chapa de Nelson Pelegrino num momento em que Salvador discute seu Plano Diretor Urbano, questão fundamental numa cidade que convive com o crescimento desordenado. Vereador em Salvador há 14 anos (1988 a 2002), e ex-presidente da UNE (1981/1982), Javier considera que "a vitória da Frente Popular será a vitória dos movimentos sociais, dos negros, homens e mulheres, da juventude e das maiorias desta cidade. O PCdoB acredita que uma outra Salvador é possível. E essa transformação será viabilizada com a união dos partidos que verdadeiramente estão liga-

dos à luta popular na cidade e ao projeto de mudanças com crescimento econômico e desenvolvimento social, ampliação da democracia representada pelo governo Lula e que deve se alicerçar também nos governos municipais que combatam a corrupção e implementem as políticas públicas urbanas que tanto se faz necessário".

Daniel

Destacado município da Região Metropolitana de Salvador (RMS), Simões Filho tem um projeto voltado para o desenvolvimento de ações que ofereçam à sua população condições mais dignas em saúde e educação. Trata-se da candidatura do deputado federal Daniel Almeida, centrada também na transparência, afinal a localidade tem recebido destaque na imprensa baiana de forma negativa, pois as notícias são de irregularidades na aplicação de recursos públicos pela atual administração municipal. "Vamos construir, em Simões Filho, um novo tempo de democracia, liberdade e respeito à população", afirma Daniel.



“PCdoB entra na disputa eleitoral muito bem situado”

As próximas eleições serão um instrumento de fortalecimento do PCdoB e das lutas por mudanças pela melhoria do Brasil

CLÁUDIO GONZALES ENTREVISTA WALTER SORRENTINO

A Classe Operária: A eleição deste ano terá forte caráter nacional, quase um plebiscito para o governo Lula. O PCdoB compartilha desta opinião?

Walter Sorrentino: As eleições, independentemente de sua abrangência, sempre trazem reflexos diretos da disputa política mais geral que ocorre no país. A eleição deste ano não será diferente. É claro que o debate eleitoral será predominantemente local, municipal, tocando nos temas que afetam diretamente os municípios e a vida concreta da população, mas o resultado do pleito terá uma forte dimensão nacional, capaz de reorganizar a disputa das forças políticas no país.

Há uma clara polarização entre dois campos: de um lado, o PT e as forças políticas que sustentam o governo Lula - onde o PCdoB se insere - e do outro, as forças derrotadas nas eleições de 2002, notadamente o PSDB e o PFL. São campos que têm projetos nacionais distintos e, em última análise, é a disputa entre estes projetos que está em jogo. Nosso Partido vem defendendo desde o ano passado que na formação de chapas para esta eleição fosse feito um esforço pela unidade das forças que sustentam o governo federal. Este é o campo do PCdoB nestas eleições, o campo de Lula, e nele buscará demarcar seu lugar político próprio, e terá portanto um discurso próprio.

A Classe Operária: O Partido não teme perder o controle sobre a qualidade

destas candidaturas e dos possíveis mandatos que venha conquistar?

Walter Sorrentino: Os candidatos comunistas, em qualquer caso, são a representação política do Partido nas eleições, portanto escolhidos pelo Partido, coletiva e democraticamente, e sujeitos às decisões e disciplina própria do Partido. Os interesses particulares dos candidatos não devem se sobrepor ao projeto comum. Recentemente, escrevi um artigo comentando a decisão da Conferência Municipal de São Paulo de não incluir o nome do vereador comunista Cláudio Fonseca na lista de candidatos para esta eleição. Este caso é singular e ajuda a ilustrar nossa preocupação e vigilância em relação aos mandatos comunistas. Nos debates que envolveram este episódio, manifestou-se, com muita ênfase, a compreensão de que ser candidato pelo PCdoB é uma condição que deve ser encarada como tarefa delegada pelo Partido, que se exerce em nome do coletivo partidário. Portanto, o que esteve em jogo foi uma determinada concepção sobre o partido e sua unidade, e o caráter da representação parlamentar dos comunistas.

O que está sendo dito pelas bases partidárias é que ela não aceita ser refém de algo que na verdade lhe pertence - o mandato conquistado nas urnas pelo comunista. O que lhe parece ser mais sensível é que proje-



tos, interesses e posições representativas de segmentos, corporações ou até mesmo pessoas não devem se sobrepor ao projeto comum e às decisões de Partido. Podem sim ser mediadas com o projeto partidário, se possível, mas nunca prevalecer unilateralmente.

A Classe Operária: E quais são as metas e prioridades do Partido. Há chances reais de eleição nas capitais?

Walter Sorrentino: Além do desafio político maior de ajudar a consolidar o caminho das mudanças para o país e estabelecer um pacto pelo desenvolvimento e o emprego, esperamos sair deste embate eleitoral com um Partido mais forte, mais ligado às massas, mais influente entre os trabalhadores.

No plano estritamente eleitoral, nossa meta é triplicar o número de vereadores eleitos em 2000. Na última eleição municipal, o Partido conquistou 150 cadeiras em câmaras municipais. Neste ano, já somos 305 vereadores e pretendemos chegar a quase 500 vereadores eleitos. Em todo caso, a recente decisão do Senado sobre a PEC dos vereadores, fazendo prevalecer a resolução do

TSE que corta cerca de 8000 vagas terá forte impacto nestas estimativas. Foi mais uma medida de restrição democrática e, pior, modificando as regras do jogo durante o próprio jogo.

Também estamos confiantes em relação à disputa pelas prefeituras. Manaus, Fortaleza e Olinda são prioridades e todas as cidades com mais de 100 mil habitantes devem receber atenção especial dos dirigentes partidários. Além disso, acreditamos que podemos eleger até oito vice-prefeitos em capitais e grandes cidades.

É bom lembrar que na disputa proporcional, mesmo nas cidades onde temos chapa própria de vereadores, é imprescindível mantermos firme a tática da concentração, escolhendo os candidatos prioritários, sem cair na armadilha da dispersão ou do cada um por si. A competição entre candidatos comunistas tem sentido negativo, porque se contrapõe ao projeto eleitoral estabelecido em comum.

Por fim, vale ressaltar que no período de campanha, a atividade principal dos comunistas é o debate com o povo em busca do voto; isso deve mobilizar todas as bases e militantes partidários com eixos e metas bem definidos; entretanto, a vida interna partidária precisa ser assegurada e intensificada nesse período, sem desmontar o esforço nas demais frentes de atuação; sobretudo nas frentes de massa (sindical, juventude em particular) são necessárias medidas políticas objetivas para ligar o trabalho da frente ao esforço eleitoral, nos marcos do plano partidário.

Olinda não pode parar

Aldo Rebelo diz que Luciana luta por Olinda em todo canto: aqui, em Brasília, onde for preciso

O lançamento da candidatura à reeleição da atual prefeita Luciana Santos, no dia 11, foi uma festa que reuniu cinco mil pessoas e estava programada para ocorrer no Largo do Varadouro mas, devido a uma decisão judicial, acabou ocorrendo na Praça do Carmo. Apesar do contratempo, a festa foi animada, com banda de frevo, bonecos gigantes e forte presença popular, além do comparecimento do Ministro da Ordenação Política, Aldo Rebelo, do prefeito do Recife, João Paulo, e dos deputados federais Renildo Calheiros (PCdoB) e Maurício Rands (PT/PE), além de políticos como Teresa Leitão, Sérgio Leite, Isaltino, Luciana Azevedo, Paulo Dantas e Nelson Ferreira. Segundo Aldo Rebelo, “Luciana luta por Olinda em todo canto. Ela briga aqui, em Brasília e onde for preciso para conseguir as mudanças de que a população precisa”.

Para revitalizar Olinda, Luciana Santos assinou, em 3 de julho, contratos de prestação de serviços com empresas vencedoras de licitação pública. O objetivo é realizar obras de contenção do avanço do mar, dragagem das lagoas de Jardim Brasil e do Canal da Malária e recuperação da avenida

Presidente Kennedy. Segundo a prefeitura, as obras devem ser iniciadas ainda em julho. Os recursos são provenientes do Ministério da Integração Nacional, de emenda parlamentar do deputado federal Renildo Calheiros (PCdoB) e da Embratur. Além de investir na melhoria da infra-estrutura da cidade, a prefeitura de Olinda amplia o número de beneficiados pelo Bolsa Família, que até o final de julho deve atingir a marca de 13.250 famílias. Isso porque a União anunciou o repasse de verbas para 50% daquelas que se enquadram no critérios estabelecidos pelo programa. A expectativa é cadastrar 26.500 famílias de Olinda. Já estão inscritas cerca de 17 mil, das quais mais de 8.700 recebem as bolsas. O programa do governo federal unificou benefícios sociais como Bolsa Escola, Bolsa Alimentação e Auxílio Gás, agilizando a liberação da verba, reduzindo a burocracia e facilitando o controle dos recursos. Para Crizaldo Palmeira, coordenador do Cadastro Único e do Bolsa Família em Olinda, “a unificação irá aumentar o valor do benefício. De maneira alguma prejudicaremos ninguém”. (Colaborou Joana Rozowykiat, de Recife).

Belém: aliança estratégica

Inicialmente cotado para a vice-prefeitura de Belém na chapa da senadora Ana Júlia, do PT, o vereador Paulo Fonteles, do PCdoB, abriu mão de sua candidatura em prol da ampliação da aliança local. Com essa decisão, a candidata passa a ter como vice Avelina Hesketh, do PL, na “Frente Belém Popular”, que reúne PT, PSB, PCdoB e PL. Durante a coletiva em 5 de julho, que anunciou a aliança, estiveram presentes o presidente do PT no Pará, a vereadora Sueli e Jorge Panzera, do PCdoB, representantes do PL e do PSB, além de Avelina Hesketh. A senadora Ana Júlia, que estava em Brasília, participou por viva-voz.

De acordo com Fonteles, a participação do PL contribui para ampliar as forças políticas da coligação. Atualmente o prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues, faz parte da base de apoio ao governo federal, enquanto o governo estadual, do PSDB, vai apoiar o candidato Duciomar Costa. Com essa decisão, a frente formada pelos quatro partidos sai fortalecida para o embate que acontecerá em outubro. “Esta cidade cabócia empresária não pode voltar às mãos das elites, dos poderosos, daqueles que sempre desprezaram o nosso povo”, declarou Fonteles.

Rio de Janeiro: PCdoB cresce

No Rio de Janeiro, o vice de Jandira Feghali será Luís Fernando Gutman, do PCB. A aliança entre os dois partidos foi formalizada em 5 de julho, em torno da coligação “Rio do Bem”. O primeiro ato da campanha aconteceu no mesmo dia, no Hospital Souza Aguiar, demonstrando que saúde será um dos carros-chefes da gestão de Jandira. Segundo ela, “demos a largada pela saúde para mostrar que essa será uma bandeira prioritária na nossa campanha, que é a defesa da vida das pessoas”. Quanto ao formato da campanha, Jandira salientou que “vamos fazer uma ocupação permanente do espaço público. Essa tem de ser uma campanha criativa, que emocione e mobilize, que tenha contato diariamente com as pessoas”. A candidata ressaltou ainda a importância da militância dos comunistas e de se agregar ao movimento dissidentes de outros partidos. Para o vereador Fernando Gusmão, “essa é uma campanha que está crescendo e que conta com uma militância voluntária para mudar o quadro municipal. O prefeito César Maia (PFL) vem caindo nas pesquisas e Jandira subindo. Não de forma surpreendente, já que ainda não tinha iniciado a campanha”.

CONFERÊNCIA DE MULHERES

Construindo a igualdade

Mais de 120 mil mulheres participaram nos estados

LIÈGE ROCHA

Uma Política Nacional para as Mulheres está nascendo, gestada num longo processo de conferências estaduais, que culminará, nos dias 15 a 17 de julho, na I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres convocada pelo governo federal. O processo envolveu, nos últimos meses, mais de 120 mil mulheres em cerca de dois mil municípios brasileiros, em conferências variadas e, em cada um desses eventos, a tônica foi o resgate da cultura regional, divulgada por meio de atividades artísticas diversas. O envolvimento dos governos municipais,

estaduais e da sociedade civil foi fundamental para o êxito do processo, além das articulações e redes nacionais dos movimentos feministas e de mulheres, participando tanto da organiza-

É a primeira vez que o governo federal realiza uma conferência com ampla consulta, envolvendo as esferas governamentais e a sociedade civil

ção como dos debates realizados em diversos pontos do Brasil. Organizações como Articulação de Mulheres Brasileiras, Articulação de ONGs de Mulheres Negras, Marcha Mundial de Mulheres, bem como a UBM, integram a Comissão Organizadora da Conferência e também

apresentaram suas contribuições, tanto na fase das plenárias e conferências municipais ou regionais, como nas estaduais.

Por justiça e igualdade

Marco importante na luta das mulheres

UNIÃO BRASILEIRA DE MULHERES

A UBM (União Brasileira de Mulheres) aprovou o documento "Saudação às mulheres brasileiras na construção de um mundo de justiça e igualdade", que distribuirá entre as quase 2 mil delegadas que participarão, em Brasília, da I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres. O texto da Saudação reclama "uma política econômica que represente um projeto nacional rumo ao desenvolvimento do país, que responda aos anseios populares e das mulheres e que recoloca na ordem-do-dia, a geração de empregos, a retomada do crescimento econômico e a distribuição de renda". O documento considera a Conferência "um marco importante", no momento em que, no "Brasil é em todo o mundo, o movimento social, o movimento de trabalhadores, o movimento feminista e o movimento de mulheres têm sido protagonistas de mudanças quando, em diferentes momentos, criaram espaços de lutas e garantiram conquistas sociais e tra-

balhistas, têm promovido e proporcionado nestes espaços, não apenas discussões importantes como também elaborou proposições alternativas de enfrentamento das dificuldades vividas pelo povo, pela classe trabalhadora e em especial pelas mulheres." São necessárias, diz, "mudanças que fortaleçam a democracia e o progresso social, impulsionadas por uma política econômica que represente um projeto nacional rumo ao desenvolvimento do país, que responda aos anseios populares e das mulheres e que recoloca na ordem-do-dia, a geração de empregos, a retomada do crescimento econômico e a distribuição de renda." As mulheres, enfatiza, tiveram, e têm, "papel importante na mudança política do Brasil. continuam firmes e dispostas a lutarem para que o governo Lula avance na construção de um Brasil soberano e da felicidade para o povo. Para isso estiveram e estarão presentes em todas as lutas em defesa do Brasil, da sua soberania e do seu desenvolvi-

Esta é a primeira vez que o governo federal realiza uma conferência com ampla consulta, envolvendo as esferas governamentais e sociedade civil, com o objetivo de aprovar diretrizes para uma Política Nacional para as Mulheres, que serão concretizadas num Plano Nacional de Políticas para as Mulheres a ser divulgado, ainda neste ano, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Mulheres de todas as regiões e variadas raças, etnias e idades, do campo e da cidade, ao lado de uma minoria masculina, apresentaram propostas e reivindicações; foram enviadas 3.844 propostas indicativas de diretrizes, ações e projetos, arroladas nos 27 relatórios estaduais e nas contribuições dos delegados dos órgãos do governo federal, que também realizaram suas plenárias.

Entre os temas mais abordados destacam-se geração de emprego e renda, obtenção de linhas de crédito, igualdade de oportunidades e ações afirmativas, direitos trabalhistas — em especial para as domésticas — e equipamentos sociais — com destaque para creche. Também foram levantadas propostas relativas à política econômica e agrícola, reformas urbana e agrária, sem esquecer a titularidade da terra para as mulheres, além de questões referentes à violência contra a mulher — incluindo a violência doméstica e sexual — assédio sexual e moral.

mento nacional, na manutenção e na ampliação da democracia e dos direitos conquistados." Finaliza lembrando que a UBM (União Brasileira de Mulheres), "entidade que luta pela emancipação das mulheres e por um mundo de igualdade contra toda a opressão, frente a esta realidade, lançou em maio deste ano, a campanha pela valorização do trabalho das mulheres, e que para tanto considera indispensável:

- 1 - o desenvolvimento econômico nacional, voltado para o mercado interno, com distribuição de renda e riqueza e a melhoria do bem-estar das mulheres e de todo o povo brasileiro;
- 2 - uma política que gere empregos e que inclua as mulheres, jovens e negras, e que tenha fim à precarização do trabalho, garantindo condições dignas às trabalhadoras;
- 3 - uma política agrária que garanta a reforma agrária e uma política agrícola que fixe mulheres e homens no campo com dignidade;
- 4 - compromisso com os princípios da universalidade e diversidade em todas as políticas públicas, sem distinção de qualquer tipo, que garanta o pleno acesso aos serviços públicos e aos direitos sociais;
- 5 - a participação social entendendo que o controle social é uma dimensão fundamental de participação cidadã desde a formulação das políticas até o monitoramento das mesmas."

Na área da saúde, foram enfatizados assuntos como SUS, PAISM, aborto, DST/AIDS, gravidez, parto e mortalidade materna. Os direitos humanos das mulheres foram debatidos, abrangendo os direitos civis, políticos, sexuais e reprodutivos. Também foram colocadas em pauta a necessidade da criação, fortalecimento e ampliação dos mecanismos de direitos e de política para as mulheres — como conselhos, secretarias e assessorias —, a participação das mulheres nos espaços de controle social, o combate aos estereótipos na educação — assim como nos livros didáticos — e a reformulação de currículos — incluindo as questões de gênero, raça e etnia. Outro destaque foi a discussão em torno dos espaços de cultura, lazer e esporte e o amplo debate sobre a veiculação de imagens e mensagens estereotipadas e depreciativas à figura da mulher na mídia.

SEMINÁRIO

Favela é cidade

O Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), em parceria com a Caixa Econômica Federal e o Programa da Organização das Nações Unidas para Assentamentos Humanos — Habitat-UN — promoveram de 7 a 9 de julho, no Rio de Janeiro, o seminário Favela é cidade. Não à remoção. O evento reuniu especialistas em áreas diversas para discutir a favela e as formas de investimento que podem se reverter em melhorias para os moradores. O objetivo era pautar novas maneiras de pensar a favela e as soluções necessárias, sem levar em consideração a possibilidade de remoção, alternativa elitista que vem sendo deixada de lado em prol de projetos que invistam no próprio local. Conforme salientou Itamar Silva, coordenador do IBASE, a remoção "sempre esteve no horizonte da elite brasileira e do poder público". Para a Habitat-UN, o deslocamento só se justifica em casos de risco ambiental, desastres naturais e comportamento anti-social da comunidade.

Durante o seminário, foram discutidos ainda o Favela Bairro — projeto de integração urbanística e social das favelas, desenvolvido pela prefeitura do Rio de Janeiro — e o Célula Urbana — programa da prefeitura carioca e da escola alemã de arquitetura e urbanismo Bauhaus Dessau que busca transformar o espaço da favela. Apenas no Rio de Janeiro, que tem uma população de 5,5 milhões de pessoas, há cerca de um milhão vivendo em favelas, número que evidencia a importância de se discutir a fundo a problemática da favela e das moradias irregulares (PL).

FLORIANÓPOLIS

Levante contra o aumento do ônibus

Justiça determina cancelamento da nova tarifa

TICIANA ÁLVARES E VINÍCIUS PUHL, DE FLORIANÓPOLIS

A pesar de não ser definitiva, e poder ser derrubada em instância superior, a decisão do juiz federal Jurandi Borges Pinheiro, de suspender no dia 8 de julho o reajuste nas tarifas de ônibus em Florianópolis foi uma vitória dos protestos que se generalizaram na capital catarinense depois do dia 27 de junho, quando a prefeita Ângela Amin (PP) decretou aumento médio de 25% nos preços das tarifas de ônibus, que passou a ser o mais caro do país, chegando a 3,00 reais para alguns percursos. Contra os protestos, a prefeita chegou inclusive a pensar em convocar o Exército para controlar as manifestações na Ilha de Santa Catarina.

A maioria dos manifestantes foi formada por estudantes secundaristas e universitários, com forte participação da militância do PCdoB e da União da Juventude Socialista, bem como de inúmeras outras entidades, movimentos sociais e organizações políticas de Santa Catarina. Os protestos começaram logo no dia 27, quando cerca de mil pessoas saíram às ruas, e cresceram nos dias seguintes. Ocuparam as ruas da capital catarinense, e a Ponte Colombo Salles, que liga a Ilha ao Continente, paralisando o trânsito na cidade. Ocuparam a Câmara de Vereadores, realizando uma audiência. Enfrentou forte



O protesto e a mobilização dos estudantes garantiram a vitória

repressão policial, com a prisão de 13 líderes do movimento, além de 50 manifestantes.

A OAB protestou contra as agressões aos manifestantes e encaminhou uma junta de advogados para acompanhar os inquéritos policiais envolvendo manifestantes. Além disso, sugeriu a negociação entre a Prefeitura Municipal e a população. A Ordem propôs a redução das tarifas pelo prazo de 30 dias e a criação de uma CPI na Câmara de Vereadores para apurar

as irregularidades no Sistema de Transporte do Município e, diante da recusa da Prefeitura Municipal em negociar, a OAB encaminhou à Justiça um pedido de redução da tarifa.

E, na tarde do dia 8, marcada por uma passeata com mais de 5 mil pessoas pelo centro da Capital, e que fechou as duas pontes que ligam a ilha ao continente, o juiz federal Jurandi Borges Pinheiro suspendeu o reajuste nas tarifas, atendendo ao pedido da OAB.

VENEZUELA

Bola da vez do imperialismo

O referendo revogatório definirá o futuro desta experiência de enfrentamento ao neoliberalismo e ao imperialismo

ALTAMIRO BORGES *

Com a presença de 40 representantes de entidades sindicais, movimentos sociais e partidos políticos, foi criado em São Paulo, em 6 de julho, o Comitê Brasileiro de Solidariedade ao Povo Venezuelano. A plenária também aprovou um cronograma de atividades que inclui um manifesto de apoio à “revolução bolivariana”, a realização de um ato no consulado da Venezuela e a organização de uma caravana de lideranças políticas e populares brasileiras a Caracas na semana do referendo revogatório, entre outras medidas de solidariedade internacionalista.

Houve consenso entre os participantes de que o referendo revogatório na Venezuela, marcado para 15 de agosto, definirá o futuro desta original e avançada experiência de enfrentamento ao neoliberalismo e ao imperialismo e terá profundos reflexos na América Latina. Nesta data, o povo venezuelano decidirá se deseja manter e intensificar o rico processo da “revolução bolivariana”, encabeçada pelo presidente Hugo Chávez, que garantiu maior independência nacional e avanços no campo social, ou se aceita o retorno das ve-

lhas oligarquias reacionárias, totalmente servis ao império estadunidense. Diante desta batalha de caráter estratégico, os presentes concordaram em intensificar a ação militante internacionalista!

A Venezuela é, atualmente, o maior estorvo à aplicação do destrutivo modelo neoliberal na América do Sul, a mais incomoda pedra no sapato do governo Bush e atravessa uma experiência que gera curiosidade e seduz os povos latino-americanos. Exatamente por isso, ela é a bola da vez do agressivo imperialismo estadunidense. Já a burguesia local, totalmente entrelaçada aos negócios ianques e saudosa do período em que saqueava as riquezas petrolíferas, é conhecida por sua postura racista e golpista.

O lance decisivo destas forças, agora, ocorrerá no referendo de agosto. Como adverte o vice-presidente José Vicente Rangel, esta será “a terceira tentativa de golpe contra a Constituição e a democracia venezuelana e os sinais de alerta já se acenderam”.

Apesar da mídia acusar o presidente Hugo Chávez de “ditador” e “autoritário”, a

Constituição Bolivariana é uma das poucas que prevê a revogação dos mandatos dos governantes. Para isto, basta que 20% dos eleitores solicitem a convocação do referendo. A oligarquia, com seus recursos milionários e o uso da mídia, não conseguiu sequer garantir estas assinaturas com lisura. Menores de idade, estrangeiros e até mortos assinaram a petição. Mesmo assim, o Conselho Nacional Eleitoral validou o referendo.

O governo Chávez conta com vários trunfos para obter o “no” à revogação. Além da retomada da economia, alavancada por recursos do petróleo agora sob controle do Estado, o governo também colhe os resultados positivos dos programas nas áreas da educação (missões Robinson, Ribas e Sucre), saúde (missão Barrio Adentro) e reforma agrária. Por fim, cresceu a organização popular, através dos

círculos bolivarianos, das rádios e TVs comunitárias, das cooperativas de gestão nas fábricas desapropriadas, etc.

Mas não se deve subestimar a força dos inimigos. É só lembrar a eleição na Nicarágua, em 1990, quando a oposição de direita, bancada pela CIA, derrotou os sandinistas após um longo período de sabotagem da economia. Na época, o Senado dos EUA doou US\$ 9 milhões aos contra. E, como observa o jornalista Heinz Dieterich, a derrota de Hugo Chávez seria o fim do potencial progressista de Kirchner e Lula, criando uma situação extremamente perigosa para Cuba e deixando as demais forças progressistas da América Latina sem horizonte estratégico.

O que está em jogo na Venezuela não é apenas o futuro deste heróico povo, que derrotou os golpistas em abril de 2002 e que realiza uma experiência avançada de enfrentamento

ao neoliberalismo, “sem medo de ser feliz”. É a própria luta de todos os povos do continente pela soberania nacional e pela justiça social, numa perspectiva socialista, que ficará na berlinda. A derrota da “revolução bolivariana” representaria um novo alento ao projeto neoliberal, tão

repudiado na América do Sul, e um reforço da hegemonia dos EUA. Diante destes graves riscos, fica patente a urgência da solidariedade à Venezuela.

* é jornalista, membro do Comitê Central do PCdoB e editor da revista Debate Sindical

IRAQUE

A face repressiva do governo fantoche

Ele persegue os patriotas que lutam contra a ocupação estrangeira

JOSÉ REINALDO CARVALHO *

As medidas repressivas adotadas pelo governo interino do Iraque dizem a que veio esta excrescência inventada pelo governo de fato — o da ocupação norte-americana. Ao decretar a lei marcial e apetrechar-se de um conjunto de normas jurídicas (sic!) a fim de pôr à margem da lei os opositores, as autoridades iraquianas revelam ao mundo a missão a que foram destinadas pelo seu criador. Enquanto este se jacta de

O pressuposto da solução política do conflito iraquiano é o fim da ocupação norte-americana e o entendimento entre as forças políticas do país

acionários os patriotas que se batem contra a ocupação do país. Com tão pouco tempo de investidura, o governo fantoche revela sua pior faceta, a de verdugo do próprio povo.

A justificativa foi torpe — criar as condições para promover as eleições em janeiro do próximo ano. Nisso está implícita também a admissão de que a chamada democratização, que admirá de tais eleições, é falsa porquanto de saída exclui amplos setores que se opõem à presença de tropas estrangeiras e à transformação do Iraque num protetorado dos Estados Unidos.

A decisão não foi fácil nem isenta de contradições no seio do governo interino. Nos dias que a antecederam não foram poucos os debates e as declarações desencontradas, alguns setores defendendo exatamente o contrário — o diálogo com as forças da resistência, inclusive a ala xiita-radical de Muqtada Al Sadr. Certamente terá pesado o vexame a que o presidente deposto expôs as autoridades judiciárias nomeadas pelos agressores e as simpatias que despertou. Pesa também o medo pânico de se tornar alvo dos ataques da resistência. Mas acabou prevalecendo o ponto de vista e a vontade de quem manda de fato — a embaixada dos EUA e o comando norte-americano das forças de ocupação.

A “devolução da soberania” ao Iraque

e “do poder” a autoridades locais vai revelando assim a sua falsidade e inconsistência. Os fatores de divisão e conflito só tenderão a aumentar enquanto o Iraque estiver sob ocupação estrangeira. Em tais circunstâncias, o governo interino será sempre visto como um governo fantoche e a resistência dos patriotas se justificará. Igualmente, com a imposição da vontade americana de permanecer como o poder de fato no Iraque, o papel da ONU não será o de fiador de uma nova ordem nem da transição para a democracia e a soberania, mas de legitimador de uma inaceitável política colonialista.

A solução política do conflito iraquiano tem como pressuposto o fim da ocupação norte-americana e o entendimento entre todas as forças políticas do país. A repressão conjugada com as ações militares com caráter agressivo das tropas estadunidenses mergulharão o Iraque num prolongado e inarredável conflito.

* Secretário de Relações Internacionais e Vice-presidente do PCdoB

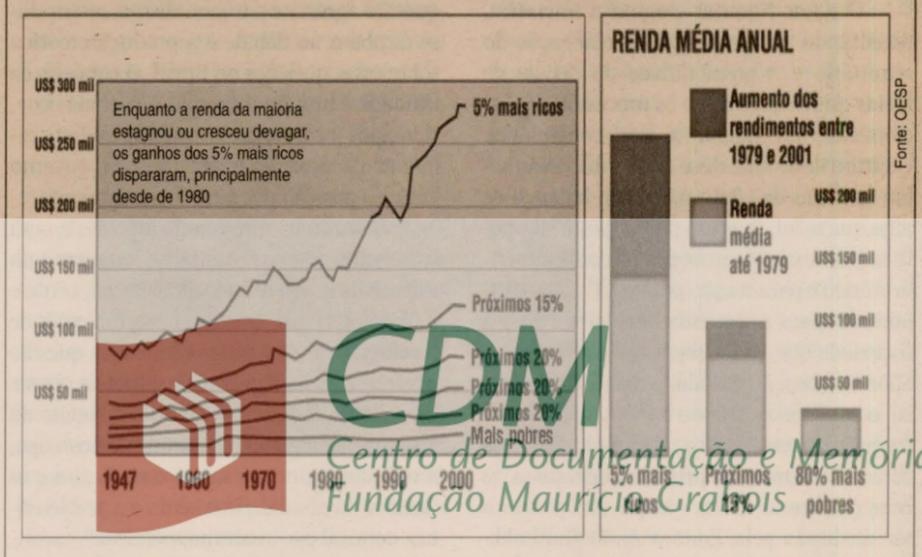
EUA

Os ricos, sempre mais ricos

A concentração de renda nos EUA vai adquirindo padrões de países subdesenvolvidos, mostra um estudo da Century Foundation, centro de estudos político-econômicos sediado em Nova York. O estudo mostrou que, de 1947 a 2000, a parte mais rica da população ficou com parcela cada vez maior da renda nacional, enquanto a parte mais pobre praticamente estagnou. O estudo dividiu a população em cinco faixas de renda. Os 20% mais pobres ficaram praticamente estagnados no período; as três faixas seguintes tiveram desempenho um pouco melhor. Na faixa mais alta, 15%

mais que dobraram a renda, enquanto entre os 5% mais ricos a participação na divisão do bolo disparou, crescendo mais rapidamente a partir de 1980 e denunciando, assim, os verdadeiros beneficiários do período neoliberal, os muito ricos. Além das grandes vantagens de renda, eles controlam também a altamente concentrada propriedade nos EUA: lá, os 5% mais ricos tem 23 vezes mais propriedades do que os demais 95% da população. Em tempo: o título do estudo é: “A nova economia americana — uma maré crescente que levanta apenas iates”. Não podia ser outro!

Desigualdade crescente



BOLÍVAR

O libertador do nosso imenso chão

O argentino José Ignacio García Hamilton conta a história do libertador em Simón, Vida de Bolívar

A. SÉRGIO BARROSO

Uma montanha de tragédias pessoais desabou sobre a infância de Simón José Antonio de la Santísima Trinidad, o futuro e revolucionário general Bolívar, rebento da Venezuela, uma Capitania Geral enquanto colônia do vasto império espanhol em nossa América; e uma imensa coleção de vitoriosas batalhas militares, conquistas independentistas que circundam sua história, intensamente mescladas com amargas derrotas - destas sobretudo a do sonho da construção de um só território nacional confederado.

A épica trajetória de Bolívar nos é contada, em detalhes, pelo escritor e biógrafo argentino, José Ignacio García Hamilton. Pesquisador já conhecido notadamente pela verve polêmica de revelações especiais de seus biografados, em *Simón, Vida de Bolívar*, García Hamilton (Sudamericana, 2004, 351 páginas) percorre uma trilha para esmiuçar a trama envolvente da vida de seu personagem, num estudo que impressiona pela articulação dos capítulos, a profundidade no trato com um número incontável de personagens, bem como pela preocupação em re-



Edição da Sudamericana

tirar da penumbra processos políticos variados: alianças internas e estrangeiras, intrigas e traições, guerras sangrentas e fuzilamentos às centenas, etc.

Bolívar: uma raríssima história em que absolutamente nada parece faltar. Daí só podermos pinçar aspectos que identificam alguns de seus momentos marcantes.

Com um ano e meio de idade, perdeu seu primo e bem-feitor Aristeguieta y Bolívar, nobre e doutor em teologia; não completara três anos, morreu seu pai, Juan Vicente de Bolívar, filho de um frustrado comprador de título de marquês; sua mãe, Maria Concepción Palacios y Blanco, dois anos depois de conseguir herança para seu filho, "bens vinculados" de Aristeguieta, faleceu por conseqüências de uma tuberculose. O caraquenho Simón, nascido em 1783, na fazenda de San Mateo, tinha então oito anos.

Se aos treze anos e meio tinha sido nomeado cadete do Batalhão de Voluntários, do vale de Aragua, e aos quinze feito subtenente, Simón parte a realizar seu sonho de conhecer Espanha e Europa, para completar seus estu-

dos. Em Madri, entre aulas de esgrima, francês, danças e matemática, conheceu Maria Teresa Toro, por quem se apaixonou e casou aos dezoito anos. A seguir de volta a Caracas, jovem frágil, Teresa contrai febre amarela e morre contando-se apenas sete meses após o casamento. Profunda desolação.

Novamente Madri... Paris. Nas noites parisienses, mete-se com boêmios, libertinos e "perfumadas prostitutas". Mas também é época de claras influências sobre Simón das idéias avançadas de Voltaire, Locke, e também das histórias de Pierre Corneille, ou de sua fascinação por Tito Livio e sua *História de Roma*. Conhecendo ainda textos de Rousseau e Montesquieu, Helvécio e Holbach, Simón é apresentado ao famoso pesquisador e naturalista alemão Alexandre Von Humboldt. Nesses dias conhece Fanny Louise Trobinand, venezuelana, mulher de um tal conde Dervieu de Villars, e que veio a ser a primeira das inúmeras paixões de Simón Bolívar.

Francisco de Miranda - El Príncipe de las Conspiraciones -, igualmente caraquenho é outro incrível personagem em boa hora introduzido por García Hamilton, cujo objetivo é iluminar o ambiente de efervescência revolucionária que adentrava ao século XIX, Europa acima e abaixo. Miranda cruza, influi e acompanha praticamente toda a saga de Bolívar e seus objetivos, da aliança à acusação de traição anos depois.

Com efeito, de volta a Caracas e em 1807, Bolívar tomara conhecimento de uma

tentativa (fracassada) de Miranda de libertar a Venezuela. E em 1808, tudo muda aqui embaixo, na relação entre Espanha, França, Inglaterra e Portugal, quando Napoleão ordena a invasão de Portugal. Cujas tropas acamparam no norte espanhol e, após neutralidade popular, ocorrem sublevações contra a expansão francesa e a favor do rei Fernando VII. Napoleão indica seu irmão como novo rei e a resistência se concentra entre Madri e Sevilha. A Inglaterra apóia a *Espanha*. Entre essas "frestas", a onda anticolonial contra a Espanha nunca mais cessou.

Assim, Bolívar, desde o ano de 1813, da Venezuela e do território conhecido como vice-reinado de Nova Granada (capital Santafé de Bogotá) passou a lutar (1821) para impulsionar a criação de um território nacional a partir da região que hoje abarca a Colômbia, a Venezuela, o Equador e o Panamá. O que conseguiu e só foi desmantelado em

1830, ano da morte do condecorado - amado e odiado - Libertador.

Marchas, campanhas e combates, atravessando rios, selvas e montanhas da América do Sul; conquistas, poder e derrotas no Equador, Bogotá e Peru; os contatos com o general argentino e independentista San Martín; a idéia da Confederação pela libertação completa de todo

império espanhol; Manoela, Maria Joaquina e as outras amantes; as terríveis acusações ao implacável Bolívar, quem certa feita aceitou mesmo o "título" de ditador - descreve o autor; as idéias combinando liberalismo e militarismo, e reiteradamente demonstradas como movidas por incomum ardor patriótico e um sólido ideário, eis o Simón Bolívar que se apreende da publicação de García Hamilton.

Livro que, além da imensa quantidade de revelações - e certos enfoques subjetivistas do autor -, a nosso juízo contribui para compreendermos a importância (profundamente) latino-americana da força do brado de "Revolução Bolivariana", que novamente ecoa a partir da Venezuela do presidente Hugo Chávez e seus compatriotas. Recolocando o desafio da luta pela nova independência do nosso imenso, diverso e luminoso chão.

IDÉIAS

Seminário sobre as idéias de Lênin

Atualidade do pensamento do líder bolchevique

FERNANDO UDO, DE SALVADOR

Começou no dia 5 na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, o seminário "Lênin: hegemonia e ruptura na filosofia da práxis - 80 anos depois da sua morte", promovido conjuntamente pelo Instituto Maurício Grabois e revista *Princípios*, Instituto José Luís e revista *Marxismo Vivo*, e Instituto de Estudos Socialistas e revista *Outubro*. A mesa de abertura foi dirigida por Ricardo Moreno, representante do Instituto Maurício Grabois - seção Bahia e teve a participação do reitor da UFBA, Naomar de Almeida Filho e do professor da Unicamp e integrante do PCdoB, João Quartim de Moraes, que proferiu conferência sobre "A recepção das Idéias de Lênin no Brasil".

O reitor Naomar elogiou a iniciativa, ressaltando a importância da realização do seminário e a possibilidade do debate de idéias que se abre sobre os processos revolucionários. Ao iniciar a sua conferência, Quartim de Moraes disse que "a discussão sobre as idéias de Lênin não é um balanço de algo que se foi, mas um pensamento vivo pela importância que tem para o conhecimento teórico e para a ação política. É muito importante para a esquerda brasileira e para a sociedade que Lênin seja objeto de estudo". Sobre a recepção das idéias de Lênin no Brasil, o conferencista citou o livro *Agrarismo e Industrialismo*, de Octávio Brandão, que considerou uma das primeiras tentativas de recepção dessas idéias - e que está prestes a ser reeditado pela Editora Anita Garibaldi.

Quartim citou que no ano da morte de Lênin, em 1924, o livro de Brandão tinha como subtítulo "Ensaio Marxista-Leninista".

Quartim de Moraes: "a discussão sobre as idéias de Lênin não é um balanço de algo que se foi, mas um pensamento vivo pela importância que tem para o conhecimento teórico e para a ação política."

No campo da esquerda, para Quartim de Moraes, o primeiro contato com as idéias de Lênin esteve associado à revolução de outubro. "Astrogildo Pereira, um dos fundadores do Partido Comunista, era um publicista que tomou a defesa da revolução russa sem ter a pretensão de utilizá-la para analisar o Brasil", disse. O professor Quartim abordou ainda as idéias de Lênin sobre a revolução, a questão agrária e o imperialismo, referindo-se também ao debate e a produção teórica sobre essas questões no Brasil. O conceito de unidade e luta foi discutido no debate ocorrido após a conferência, quando foi feita referência à situação brasileira sob o governo Lula e a posição dos partidos de esquerda.

O Seminário prosseguiu até o dia 9, com os seguintes temas: A análise lenineana do imperialismo e o mundo globalizado; Lênin e a filosofia; Lênin, Gramsci e os problemas de revolução no Ocidente; Lênin e a questão agrária; Estado, democracia e luta de classes na reflexão lenineana; Lênin e o sujeito da ação revolucionária - o partido de novo tipo; A reflexão lenineana sobre os sindicatos e os desafios da atualidade; e Lênin e a problemática cultural e o "realismo socialista".

FORMAÇÃO

Escola na região Centro-Oeste

Curso teve 35 participantes de GO, DF e MS

LÚCIA RICON *

Laçando raízes no Centro-Oeste, a Escola Nacional de Formação do PC do B, realizou nos dias 2, 3 e 4 de julho, em Goiânia, um curso de formação de professores, visando a estruturação de regionais da escola em todas as regiões do Brasil.

Ao todo, participaram do curso 35 pessoas sendo 11 de Goiás, 22 de Brasília e 2 do Mato Grosso do Sul. Deste total, 19 participantes foram mulheres. Estiveram presentes assessores parlamentares, advogados, funcionários públicos, sindicalistas, professores. Importante registrar a presença significativa de militantes da UJS e destacar a participação do diretor da UNE, Flávio Cerqueira.

O curso "Transição no Brasil atual" exigiu muito dos professores visto que teve de ser ministrado em apenas três dias. Acompanhando e apoiando a organização do curso esteve conosco Augusto Buonicore, da Comissão Nacional de Formação e

Propaganda. Cada aula foi composta de três blocos de exposição de 50 minutos cada, e mais um bloco para discussão. Ministraram as aulas Augusto Buonicore, Dilermando Toni e Adalberto Monteiro, membros do Comitê Central, e Edvar Bonotto, membro da Comissão Nacional da Formação e secretário de redação da revista *Princípios*.

Como forma de dar continuidade ao processo de formação e mesmo realizar uma avaliação do aprendizado, cada participante se incumbiu de escrever um artigo. A escolha do tema ficou por conta de cada aluno, sobre um dos conteúdos apresentados no curso. A avaliação de todos mostrou que a atividade foi um sucesso e que a expectativa é de que a semente lançada frutifique rapidamente.

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
Secretaria de Formação do Comitê Estadual de Goiás

FÓRUM CULTURAL MUNDIAL

Caminhos de enxergar e apreciar a cultura

MARTA ALVES



O ministro da Cultura, Gilberto Gil

Mais de 2 mil pessoas participaram do Fórum Cultural Mundial, que reuniu em São Paulo, entre 27 de junho e 4 de julho, cerca de 130 intelectuais, artistas e especialistas, além de ministros da Cultura de 70 países da América Latina, África, regiões do Pacífico e do Mediterrâneo e Oriente Médio. Foi no domingo, às 16 horas, no Parque do Ibirapuera, que o cantor franco-espanhol Manu Chao abriu a programação artística, num encontro inédito com o ministro Gilberto Gil.

O fórum foi aberto oficialmente pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 29, no Teatro Municipal, com a prefeita Marta Suplicy e o governador Geraldo Alckmin, os três parceiros na realização do evento. A noite começou com o poema "E agora, José", de Carlos Drummond de Andrade — base das discussões do Fórum —, cantado em ritmo de rap pelo ator Edson Montenegro, dividindo o palco com dois integrantes do Balé da Cidade do Municipal, que dançaram Street. Na seqüência, o Hino Nacional foi in-

terpretado por Inezita Barroso, acompanhada por Pereira da Viola.

O evento contou com uma convenção global na forma de simpósio — com duração de cinco dias — sobre temas relacionados à cultura e às artes, festivais com programação artística internacional, feira de idéias e oportunidades e, ainda, um fórum virtual. A maior parte dos eventos do Fórum Cultural Mundial foi realizada no Parque Anhembi.

O Fórum foi uma iniciativa dos que buscam promover a cultura como dimensão fundamental da vida contemporânea. Procurou apontar o papel fundamental das artes e das manifestações culturais no desenvolvimento da economia, criação de novos parâmetros educacionais e cultivo da diversidade das comunidades como fonte de auto-reconhecimento. O Fórum pretende, também, estender o papel da cultura e das artes nas políticas nacionais e promover o crescimento dos investimentos no setor cultural, mobilizando patrocínio para o desenvolvimento de atividades culturais.

O secretário municipal da Cultura, Celso Frateschi, definiu como "inimigos" do Fórum as culturas hegemônicas, como aquelas que são "amplamente divulgadas pela mídia". Paulo Miguez, secretário de Políticas Culturais do Ministério da Cultura, criticou o pensamento "que equipara um filme, um disco ou um livro a um sabonete" e trata a cultura "como uma commodity".

"Não pretendíamos ter um documento, uma carta final. O fórum não é uma representação político-institucional. É mais uma provocação, do ponto de vista da discussão, do debate", diz Danilo Miranda dos Santos, diretor do Sesc e presidente do Conselho Diretor do Fórum Cultural. Os ministros da Cultura e representantes de seis países decidiram submeter ao conjunto das instâncias multilaterais e aos ministros da Cultura de todos os países a "Carta de São Paulo", que será enviada às principais instituições mundiais, como a ONU, o Mercosul e a Comunidade Européia.

ANENCEFALIA

Aborto no banco dos réus

CARLOS POMPE

No dia 1º de julho, o ministro Marco Aurélio de Mello, do Supremo Tribunal Federal, autorizou a interrupção da gestação quando for detectada anencefalia no feto. Devido à morosidade dos tribunais, já ocorreu caso em que o feto nasceu no dia no julgamento, morrendo cinco dias depois. A ação, ajuizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Saúde (CNTS), argumentava que é uma violação da dignidade obrigar a mulher a levar até o fim uma gravidez, mesmo sabendo que ela é inviável. O médico Valdecir Gonçalves Bueno, do Hospital Materno Infantil de Brasília, lembra que, no caso de fetos anencefálicos, "o bebê não tem condições de sobreviver".

O advogado Luís Roberto Barroso, da CNTS, lembra que "os sentimentos por que passa uma gestante obrigada a levar a termo uma gravidez desse tipo se equiparam à tortura psicológica."

Embora sem conhecimentos científi-

cos sobre o assunto, dom Odilo Pedro Scherer, secretário geral da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), diz que há gestações que resultam no "nascimento da criança". Omite que não há caso de sobrevivência de humanos sem cérebro. Na falta de argumentos, o alto clero partiu para o terror: "Daqui a pouco, vão dizer para liquidar qualquer um que seja considerado um estorvo para a sociedade", imprecou o presidente da CNBB, dom Geraldo Majella Agnelo.

Mulheres que queiram seguir os preceitos da CNBB ou qualquer outra questão de fórum íntimo, poderão levar a gravidez a termo — afinal, a decisão não obriga a interrupção da gestação, apenas deixa de considerar essa necessidade um crime, permitindo que a gestante decida o que achar melhor. A autorização vigora até o plenário do STF julgar o mérito da causa, a partir de agosto, quando termina o recesso. A CNBB está pressionando os 11 ministros do STF para que a

revoquem. Os juízes, contudo, não têm levado em conta os disparates eclesiásticos. A primeira decisão autorizando aborto de anencefalo aconteceu em Rondônia, em 1989. Segundo Thomaz Gollop, diretor do Instituto de Medicina Fetal, já chegaram à Justiça brasileira cerca de 3 mil casos de anencefalia. "Em 97% das ações, os juízes autorizaram a interrupção da gravidez", afirmou. A Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia estima que 2 em mil fetos sofram com a falta de um ou dos dois hemisférios do cérebro. Para o ministro Marco Aurélio, permitir o aborto nesses casos garante "direitos à saúde, à liberdade e à preservação da autonomia da vontade, da legalidade e, acima de tudo, da dignidade da pessoa humana".

Na decisão, ele considera que, diante "de uma deformação irreversível do feto, há de se lançar mão dos avanços médicos tecnológicos, postos à disposição da humanidade não para simples inserção, no dia-a-dia, de sentimentos mórbidos, mas justamente para fazê-los cessar. No caso da anencefalia, a ciência médica atua com margem de certeza igual a 100%". Manter a gestação, pelo contrário, impõe "à mulher, à respectiva família, danos à integridade moral e psicoló-

gica, além dos riscos físicos reconhecidos no âmbito da medicina". O procurador-geral da República, Cláudio Fonteles, católico confesso, vergou à reação clerical e anunciou que apresentará parecer contrário à decisão do STF, embora admita que ainda não recebeu o processo para analisá-lo.

A defesa do direito das mulheres a decidir sobre a própria vida e do próprio corpo está ocorrendo também do outro lado do Atlântico. Em Portugal, após a condenação de mulheres em Maia e Aveiro, por realizar aborto, está em curso julgamento na cidade de Setúbal de outras três mulheres pelo mesmo motivo. Documento assinado por 49 deputados do Parlamento Europeu, 200 membros de organizações e instituições internacionais e 43 personalidades apela pela absolvição das acusadas. Manifestam a "mais profunda indignação pela situação em que essas mulheres se encontram, perseguidas policial e judicialmente, e tratadas como criminosas". Lembram "as mais recentes recomendações internacionais que aconselham a não perseguição judicial das mulheres", pois se trata de "ofensa à dignidade das mulheres" e fonte de "grave problema de saúde pública". Há vozes contra o obscurantismo. Vamos ecoá-las.

CULTURA POPULAR

Porto Alegre tem Dia da Literatura e Folclore

MARIA CLÁUDIA VASCONCELLOS, DE PORTO ALEGRE

A Câmara Municipal de Porto Alegre aprovou, dia 30, projeto do vereador Raul Carrion (PCdoB) que institui o Dia Municipal da Literatura e do Folclore Brasileiros, em 31 de outubro, dentro das comemorações da semana municipal da cultura.

Segundo Carrion, uma das razões para a escolha do dia é o fato de que grande parte do comércio e da indústria, nos últimos anos, ter sido induzida à comemoração de uma efeméride estrangeira, o chamado Dia

das Bruxas. Além disso, a data coincide também com o nascimento do grande poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade.

De acordo com o vereador, a comemoração norte-americana, totalmente estranha às tradições culturais brasileiras, se traduz em um verdadeiro elemento de aculturação pelo qual um país economicamente mais forte impõe a outro seus costumes, levando ao empobrecimento dos elementos culturais locais.

PATRIMÔNIO ARTÍSTICO

Cidades históricas realizam fórum

O Fórum das Cidades Históricas, encerrado dia 9, abordou experiências de preservação das cidades brasileiras consideradas Patrimônio Mundial, além de alternativas para revitalização de sítios históricos. Além do Fórum, a capital do Maranhão contou com as exposições "Cidades Patrimônio Mundial" (Unesco/CEF) e "Programa Monumenta" (Iphan/Monumenta).

Foram formados grupos de trabalho para discutir inclusive a execução de planos para as cidades históricas. Segundo a coordenadora do Núcleo Gestor do Centro Histórico de São Luís, Karla Nunes, o Fórum debateu as alternativas aos problemas comuns enfrentados por essas cidades.

Participaram do encontro a representante da Unesco, Jurema Machado; o secretário executivo do Ministério da Cultura, Juca Ferreira; a secretária de Programas Urbanos do Ministério das Cidades, Raquel Rounik; o presidente do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), Antônio Augusto Arantes, além de prefeitos e técnicos das cidades brasileiras consideradas Patrimônio Mundial e os representantes de outras 49 cidades históricas do país. São cidades Patrimônio Mundial, além de São Luís, Salvador (BA), Olinda (PE), Brasília (DF), Goiás (GO), São Miguel das Missões (RS) e as mineiras de Congonhas, Diamantina e Ouro Preto.

CAZUZA

O tempo não pára

No filme de Sandra Werneck, a alegria e a agonia do cantor de uma geração

CAROLINA MARIA RUY

A história de uma vida é sempre um tema delicado e difícil de ser devidamente tratado. Estudando o movimento político de juventude, por exemplo, nos deparamos com uma interessante mulher que comentou sobre um livro que foi escrito sobre um episódio curioso de sua vida amorosa. Contrariada, disse que a escritora abordou o caso como se tudo fosse curtição, e os conflitos vividos de uma forma superficial. "Aquilo foi um drama para mim!", revoitou-se ela.

Cazuza, O Tempo não pára, filme sobre a trajetória artística de Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuza, com direção de Sandra Werneck e Walter Carvalho, que estreou em junho, deixa uma impressão semelhante. Talvez Cazuza tivesse também esta reação ao ver-se nas telas.

Quatorze anos após seu falecimento a homenagem vale pela intenção, pelo reconhecimento e pela bela atuação de Marieta Severo como Lucinha Araújo (mãe de Cazuza), Reginaldo Faria como João Araújo (pai de Cazuza

e dono da gravadora Som Livre) e Daniel de Oliveira, que interpreta o próprio cantor.

A primeira parte do filme gira em torno da irreverência, diversão e toda forma de prazer que pudesse ser experimentada, constituindo o estereótipo de uma banda de rock. No início, por volta de 1981, 1982, a banda

Barão Vermelho ensaiava na garagem de um dos integrantes e só se apresentava em espaços do circuito underground. Antes de integrar-se à banda Cazuza, cantava no Circo Voador com sua amiga Bebel Gilberto (filha de João Gilberto e Miúcha). Sua entrada, a parceria com o produtor Ezequiel Neves, o incentivo do pai e a qualidade do som, sem a qual qualquer outro atributo não teria a menor importância, abriram o caminho para a consagração e o sucesso.

Com o aparecimento da aids, a história adquire um tom mais reflexivo e introspectivo. Contudo, pelo teor das músicas, dá para pressentir que, desde o começo, essa alegria exagerada, quase eufórica, é a outra face de uma agonia subjacente. A atitude daqueles jovens do início dos anos 80 está mais próxima de um grito de desabafo de quem precisa roubar seu lugar num mundo em que não se enquadram, do que da alegria puramente.

Assistir à história da vida de uma personalidade tão interessante e rica já é em si uma motivação grande. A profundidade com que a história é contada é outra coisa. Com cem minutos para relatar oito intensos anos de uma vida, o filme vacila na superficialidade e pressa na transição de momentos importantes, como o conflito (imposto pelas gravadoras) entre fazer só rock "simples", ou acrescentar outros estilos, ou saída do Cazuza da banda.

É nítido o recorte dos fatos considerados importantes: o estouro no Rock in Rio em 1985, a relação com os pais, com o produtor Ezequiel Neves, com os amigos e, por fim, a doença fatal. Mas o filme teria mais força, e ressaltaria a poesia das canções se ele se aprofundasse mais nas crises, mostradas rapidamente. Elas fizeram parte do amadurecimento artístico da banda e do cantor; se também não passasse em

branco por parcerias fundamentais, como com Ney Matogrosso, presente tanto na carreira como na vida particular de Cazuza.

Desde o início, no começo da década de 80, o rock'n'roll puro e simples do Barão Vermelho foi rebelde, lascivo e agressivo. Com o amadurecimento de sua carreira, Cazuza tornou-se ainda mais crítico e politizado. Cantando seus dramas, paixões, e as contradições

de seu tempo, ele exprimia o sentimento de sua geração, da juventude pós-liberação dos costumes, da democracia que voltava depois de vinte anos de ditadura no Brasil, das megalópoles impondo um modo de vida próprio, com uma indústria cultural já sedimentada e dominadora. Este filme sobre sua vida mostra que suas idéias ainda estão vivas. Daí sua importância. Trazê-las à luz e nos fazer retomar esta história é o que o filme tem de melhor.



Ao cantar seus dramas, paixões, e as contradições de seu tempo, ele exprimiu o sentimento de sua geração

Pro dia nascer feliz

(Cazuza e Frejat - 1987)

*Todo dia a insônia**Me convence que o céu**Faz tudo ficar infinito**E que a solidão**É pretensão de quem fica**Escondido fazendo fita**Todo dia tem a hora da sessão coruja**Só entende quem namora**Agora vam' bora**Estamos, meu bem, por um triz**Pro dia nascer feliz**Pro dia nascer feliz**O mundo acordar e a gente dormir**Pro dia nascer feliz**Essa é a vida que eu quis**O mundo inteiro acordar e a gente dormir**Todo dia é dia**E tudo em nome do amor**Essa é a vida que eu quis**Procurando vaga**Uma hora aqui, outra ali**No vai-e-vem dos teus quadris**Nadando contra a corrente**Só pra exercitar**Todo o músculo que sente**Me dê de presente o teu bis**Pro dia nascer feliz**Pro dia nascer feliz**O mundo inteiro acordar**E a gente dormir, dormir**Pro dia nascer feliz**Essa é a vida que eu quis**O mundo inteiro acordar**E a gente dormir*

(Arnaldo Brandão e Cazuza 1987)

*disparo contra o sol
sou forte sou por acaso
minha metralhadora cheia de mágoas
eu sou o cara*

*cansado de correr
na direção contrária
sem podium de chegada
ou beijo de namorada
eu sou mais um cara*

*Mas se você achar que tô derrotado
saiba que ainda estou rolando os dados
porque o tempo
o tempo não pára
dias sim, dias não
eu vou sobrevivendo sem um arranbão
na caridade de quem me detesta*

*a tua piscina está cheia de ratos
tuas idéias não correspondem aos fatos
o tempo não pára
eu vejo um futuro repete o passado
eu vejo um museu de grandes novidades
o tempo não pára
não pára não não pára*

*eu não tenho data pra comemorar
às vezes os maus dias são de par em par
procurando agulha no palheiro
nas noites de frio é melhor nem nascer
nas de calor se escolhe é matar ou morrer
e assim nos tornamos brasileiros*

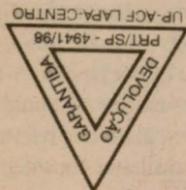
*te chamam de ladrão de bicha maconheiro
transformam um país inteiro num puteiro
pois assim se ganba mais dinheiro*

*a tua piscina está cheia de ratos
tuas idéias não correspondem aos fatos
o tempo não pára
eu vejo um futuro repete o passado
eu vejo um museu de grandes novidades
o tempo não pára
não pára não não pára*

O Tempo Não Pára

Aí pelo início dos anos 90, o verso "O tempo não pára", desta canção, era um bordão constante entre os jornalistas da redação de *A Classe Operária*. E foi usado para reforçar o slogan do 8º Congresso do Partido Comunista do Brasil, ocorrido em 1992: O tempo não pára, o socialismo vive!. Eram tempos difíceis, nos quais a negação do socialismo parecia ganhar concretude com a dêbaclé dos regimes socialistas do Leste Europeu. Mas também tempos em que a poesia — insistindo na mobilidade do tempo — desmentia o triunfalismo capitalista que proclamava o fim da história.

Ao lado, a letra completa da canção consagrada por Cazuza:



IMPRESSO



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
ALAMEDA SARUTAIÁ, 185 - JARDIM PAULISTA
CEP 01403-010 - SÃO PAULO - SP
TEL.: (11) 3054 1800

A Classe Operária

